



MAIS INTELLECTUAIS DO QUE SACERDOTES

A influência do seminário na formação de várias gerações brasileiras é um fato marcante e notório. Diz-se, inclusive, que os seminários formaram mais intelectuais, do que sacerdotes. Um dos fatores mais fortes para que essa influência tenha sido sedimentada durante décadas e décadas, é o caráter religioso da formação da sociedade brasileira. Hoje a influência dos seminários tem sido bem menor. (5a. página)

BALÉ ARMORIAL: A PLASTICIDADE DE UMA CULTURA



Preço
Cr\$ 2,00

O Movimento Armorial, criado sob inspiração de Ariano Suassuna, atingiu seu clímax justamente com o Balé Armorial, cuja plasticidade se faz mais forte através de uma linguagem corporal que é a verdadeira encarnação dos valores e motivos predominantes na cultura nordestina.

DESAFIO DO MONGOLISMO

O mongolismo tem se apresentado para a ciência como um dos mais sérios desafios. Durante anos e anos os cientistas têm se debruçado sobre suas mesas de trabalho numa tentativa de chegar a conclusões, mas elas parecem cada vez mais difíceis.

O Departamento de Biologia Geral, da Universidade Federal de Pernambuco, tem, por exemplo, desenvolvido várias pesquisas sobre o assunto. (4.ª página)

Paixão do homem pelo mistério

O mistério é uma das mais fortes paixões do Homem. Desde as idades mais remotas, tem-se feito estudos e esquemas para que seja possível investigações concretas. E nas suas múltiplas fases, o mistério interessa particularmente ao promotor Walter da Rosa Borges, estudioso sério e criterioso. Ele é atualmente o presidente do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. Tem publicado um livro polemico: "Introdução ao Paranormal". (7.ª página)

Cientista é homenageado pela URNE

A Universidade Regional do Nordeste, com sede em Campina Grande, Paraíba, decidiu conceder o título de professor Honoris Causa ao cientista Oswaldo Gonçalves de Lima, fundador do Instituto de Antibióticos, da UFPE.

A concessão da medida foi determinada levando-se em consideração os relevantes serviços prestados por Gonçalves de Lima às Ciências, destacando-se as suas várias pesquisas no combate contra o câncer.

Trabalhos

O professor Oswaldo Gonçalves de Lima é autor de mais de 200 trabalhos de pesquisa, além de inúmeras monografias com o cunho de originalidade, ressaltando-se, também, uma obra sobre a Civilização Mexicana, a ser editada pela Universidade Nacional do México.

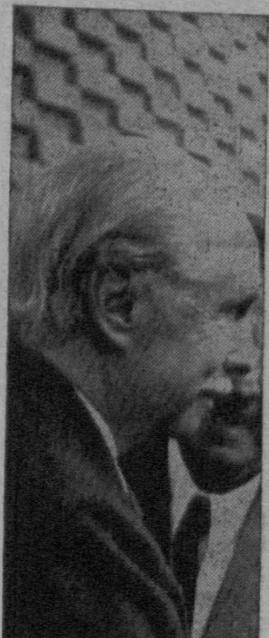
Além disso, o cientista se destaca pelos seus trabalhos sobre os índios Pançaru, de Tacaratu, em Pernambuco, e investigações complementares entre os índios Fulniô, de Águas Belas, também em Pernambuco e sobre os remanescentes Tui, da Baía da Traição, na Paraíba.

Proposta

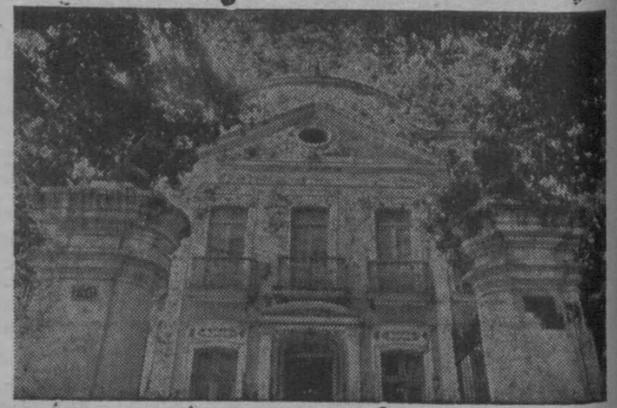
A proposta da concessão foi feita pelos professores Orlando Rafael Mayer, José Duarte Rocha, José Urânio das Neves, Samuel Tomaz dos Santos e Luis Carlos Sampaio da Silveira, através de abaixo-assinado enviado ao Conselho Departamental de Ciências e Tecnologia, da URNE.

Na proposta, os professores ressaltam que "não é fácil apreciar a atividade polimórfica do Professor Oswaldo Gonçalves de Lima, completo homem de ciência que se projetou e deixou traços marcantes do seu labor na Química Analítica, na Química Orgânica, na Bioquímica, na Microbiologia, na Tecnologia das Fermentações, na Oncologia, na Etnologia e, finalmente, na Linguística, poliglota que o é, dominando perfeitamente várias línguas vivas e mortas".

Ressalta, também, que "não menos digno da menção é o profundo conhecimento que o professor Oswaldo Gonçalves de Lima tem da obra do genial poeta de Weimar, o que atesta a seriedade do seu livro "Goethe e a Química", editado pela Universidade Federal de Pernambuco.



Velho casarão: das artes à extensão cultural



Há uma máxima segundo a qual "as paredes falam e ouvem ao mesmo tempo". Se verificarmos, atentamente, os exemplos que a própria história nos oferece, terminaremos por admitir a sua validade, notadamente se palmilharmos os caminhos da arquitetura como um somatório de elementos — artísticos, culturais, sociais, históricos, etc. Ai está, por exemplo, o casarão onde funcionou por mais de 40 anos a antiga Escola de Belas Artes do Recife, hoje Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

Transferida para o seu novo edifício,

modernamente construído na Cidade Universitária, a Escola de Artes cede lugar para o Departamento de Extensão Cultural (DEC), no velho e histórico casarão da Benfica, predestinado que foi para ser repositório de acontecimentos artísticos e culturais através dos anos. Assim, com a transferência da Escola, o prédio da Benfica não vê interrompida a sua marcha como um centro que por si mesmo tem muito a dizer — porque muito ouviu — das coisas do espírito: as vozes de alunos e professores jamais deixarão de ecoar, mesmo nas horas em que o silêncio ousa

passar pelos seus suntuosos corredores e salas de aula.

Além disso, permanecerão funcionando lá os cursos de extensão (nível médio) de desenho, pintura, cerâmica e vitral, o que significa dizer: a tradição da Escola de Arte continuará no velho casarão da Benfica e agora, com a presença do Departamento de Extensão Cultural, passará a ser um centro a mais de referência cultural e artística, para a comunidade pernambucana e até mesmo para os que chegam ao Recife, quer em missão cultural, oficial ou simplesmente fazendo turismo.

Houve um tempo em que era muito difícil levantar dinheiro para certos empreendimentos oficiais. Mais difícil, ainda, quando se tratava de empreendimentos culturais. Assim, os inícios da Escola de Belas Artes foram marcados por enormes, desestimulantes obstáculos. Mesmo assim, espíritos nobres, desinteressados, estão sempre lutando contra adversidades desse tipo. Foram esses espíritos que criaram a Escola de Belas Artes do Recife.

Sob o nome de Sociedade Protetora de Belas Artes, a Escola foi criada em 1932. A idéia de criação partiu dos artistas Jaime de Oliveira e Bibiano Silva, arquiteto e escultor respectivamente. É fácil dar uma impressão das dificuldades deparadas por eles. Quando a idéia foi ventilada, alguém ironicamente indagou: "Com que recursos fundaremos a Escola de Belas Artes?" Idealista, Bibiano respondeu sem titubear: "Com os recursos da vontade, da perseverança, do valor de querer e da audácia".

Um por todos, todos por um

Os acontecimentos vieram confirmar a resposta eloquente do escultor. Instalada num velho casarão do Benfica, a Escola viu desa-

bar sobre si a solidariedade de um imenso número de pernambucanos. Cavaletes, pranchetas, armários, estantes, cadeiras, todos esses objetos foram surgindo como por encanto. O "encanto", contudo, era proporcionado pelos governos estadual e municipal que, generosamente, cediam material considerado imprestável. Ato contínuo, o material era imediatamente restaurado pela Escola. A divisa "Um por todos, todos por um" era vastamente posta em prática pelos fundadores da Escola de Belas Artes, e não poderia ser de outra maneira.

A imprensa da época deu também sua parcela de contribuição. Alardeou pelos jornais que o Estado não poderia jamais ficar sem uma Escola de Belas Artes, e que a simples existência de uma instituição dessa espécie seria motivo de orgulho para todos os pernambucanos. E, alertados pelos jornalistas, os pernambucanos investiram no novo e vantajoso negócio. Um construtor chamado Crispim Velhote, por exemplo, não hesitou em contribuir com uma vultosa soma em dinheiro.

Visita a Interventor

Os artistas tentaram, então, sensibilizar outras áreas. Certo dia, cientes de

que ninguém colaboraria mais do que os poderes públicos, fizeram uma visita ao Interventor Federal Lima Cavalcanti. A visita não produziu resultados tão bons, mas não foi de todo desastrosa. O Interventor alegou que a situação financeira do Estado não era satisfatória, mas prometeu ajudar. Como prova de que dissera a verdade, forneceu 50 bancas para as aulas didáticas. Já o prefeito do Recife, Antônio de Góis, que costumava visitar o casarão do Benfica, mandou confeccionar, nas oficinas da Prefeitura, cavaletes e pranchetas para a Escola.

Vários artistas plásticos doaram importantes obras para a Pinacoteca da Belas Artes. O primeiro desses artistas, o renomado pintor Abelardo Gama, chegou a ceder alguns dos seus melhores quadros para ornar as paredes. Murilo La Greca, por outro lado, enviou primorosos desenhos de modelo vivo.

Bibiano Silva, não satisfeito em deixar sua imensa marca moral, foi além. Doou uma fina mobília de jacarandá, um cofre e outros objetos de sua propriedade. Cede também uma de suas estantes com várias obras importantes.

Examinador poliglota

Por ocasião do primeiro vestibular, cujo programa estava estritamente de acordo com o da Escola Oficial, ocorreu um fato curioso. Era exigida uma língua estrangeira. Os alunos teriam, então, de escolher entre francês, alemão, italiano e inglês. Por outro lado, os examinadores gozavam de excepcional prestígio. Moser, Franzosi, Muner, Mateus Ferreira... À hora acertada, porém, todos faltaram, com exceção de Ferreira. Que não gostou, pois teve de examinar os quatro idiomas. No dia 21 de junho de 1932, para espanto de todos, Mateus Ferreira examinava todos os idiomas: era poliglota.

Multa perdoada

Anos depois, contudo, a situação da Escola ainda era precária. A Pinacoteca, por exemplo, tinha um reduzido número de trabalhos. A Biblioteca possuía um diminuto acervo. Intelectuais do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul, no entanto, enviaram algumas dezenas de livros. Assim, pedindo aqui e acolá, muitas coisas eram obtidas. Até perdão para multa sobre contribuição de água e esgoto.

Músicos também ajudaram

Em 1937, um concerto sinfônico no Santa Isabel resultava numa imensa ajuda financeira. O concerto, realizado em benefício da Pinacoteca e da Biblioteca, proporcionou à Escola a importância de Cr\$ 6.187,90. Era muito dinheiro, não resta dúvida. Metade desse dinheiro foi logo empregada numa porção de coisas de que a Escola necessitava, a outra metade depositada em caixa.

Seus professores eram os melhores da época. Eles ensinavam Pintura, Escultura, Arquitetura e Gravura, mas atendiam também aos alunos dos cursos livres. Por outro lado, a frequência de alunos era animadora: o número de aulas ministradas em 1937 chegava a 1.071, enquanto no ano anterior não passava de 672.

Assim, a criação e manutenção da Escola de Belas Artes foi, a princípio, obra impregnada dos maiores sacrifícios. Fruto da iniciativa pessoal de homens que não costumavam esmorecer diante das dificuldades ingentes que constituem a rotina de todos aqueles que se dispõem a materializar grandes tarefas.

DAE atento às necessidades estudantis

O Departamento de Assuntos Estudantis (DAE) da Universidade Federal de Pernambuco tem a incumbência de trabalhar ativamente pelo aperfeiçoamento, expansão das atividades e integração da comunidade estudantil. Diretamente vinculado à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, o DAE não tem poucado esforços no sentido de atender, de maneira inovadora e rápida, às solicitações que lhe forem apresentadas, tanto pelos estudantes como por outros órgãos da Universidade, estando em cinco setores que o compõem — Divisão de Bolsas ao Estudante, Serviço Social, Seções de Residência, Restaurante e Secretaria Administrativa — aptos a fornecer todas as informações necessárias.

Metas & bolsos

Para o diretor do DAE, Paulo José Barbosa, a meta principal do Departamento é "a racionalização de métodos e procedimentos de trabalho para melhor atender ao estudante, através da modernização administrativa, capacitação pessoal e estabelecimento de um programa orçamentário para uma eficiente aplicação dos recursos".

A reorganização do Programa de Bolsas de Trabalho, por exemplo, é uma das metas priori-

tárias da direção do DAE. O Departamento vê aumentar gradativamente o número de bolsas de trabalho. Com efeito, em 1974 foram distribuídas 623 bolsas, enquanto que, em 1975, este número chegou a 788.

Tencionando proporcionar ao estudante uma maior integração junto ao citado programa, o DAE está implantando o Projeto Bolsista Representante, que atenderá alunos dos cursos da UFPE e de outras universidades e escolas isoladas.

Ensino auxiliar

Ainda com o objetivo de colaborar com o estudante, o DAE lançou o seu Programa de Ensino Auxiliar, cuja finalidade consiste na escolha de estudantes para lecionarem as particulares. Para tanto, o Departamento realizou um levantamento junto aos colégios, ficando constatado o vasto número de alunos desejosos de suprir deficiências em determinadas matérias.

Paralelamente, o Serviço Social do DAE vem desenvolvendo todo um trabalho seletivo de assistência ao estudante carente de recursos finance-

ros sem esquecer os aspectos educativos e de promoção humana que norteiam esta atividade. E, entre os benefícios que os estudantes podem obter através do Serviço Social, estão bolsas de trabalho e de alimentação, reduções e parcelamento de matrículas, internamentos hospitalares e atendimentos de orientação social.

Onde morar e onde comer

A seção de residências do DAE é ainda responsável pelo alojamento de 245 estudantes espalhados entre moradias masculinas e femininas. As residências, tanto masculina como feminina, têm a finalidade de servir de moradia ao corpo discente da Universidade, oriundos do interior e de outros estados.

A seção de restaurantes tem sob sua administração o Restaurante Universitário Central, situado no campus, e um restaurante menor servindo no centro da cidade. Está em andamento um projeto de reestruturação completa das atividades dos restaurantes administrativos pelo DAE, com o intuito de proporcionar melhores condições de atendimento aos estudantes.

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Bezerra Lafayette
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedicto de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero
.....	Angelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
.....	Angela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

Ciência e responsabilidade

A desenfreada corrida armamentista por parte das grandes potências traz à tona um já velho mas nem sempre questionado problema: o da responsabilidade humana. Com efeito, a responsabilidade está visceralmente ligada ao homem e nasce do homem que, através dela, busca um substituto do instinto que impele o animal à ação espontânea. Mas a ciência parece ter gerado um poderio absolutamente desvinculado da responsabilidade. E a bomba atômica e Hiroshima são provas incontestáveis do que costuma suceder quando a ciência procede com irresponsabilidade. Mas, perguntamos, a possibilidade da destruição da Terra por meio de armas nucleares não teria despertado nos cientistas a consciência da sua responsabilidade? É pouco provável — mesmo porque os cientistas têm o hábito de reivindicar para si o inalienável direito da investigação, atribuindo a responsabilidade não à investigação mas à aplicação.

A investigação, alegam com frequência, não é de modo algum responsável pelas suas consequências, visto não se ligar a valores. E, assim, clamam contra aqueles que pretendem esconder da humanidade os resultados de certas investigações realizadas por eles. Ora, para o já falecido físico Oppenheimer, esconder do restante dos seres humanos os resultados das pesquisas científicas representa uma ingenuidade fatal, mesmo que tais resultados resultem em desgraça e destruição.

Um excepcional educador alemão, o venerável Johann Gottfried HERDER, sabia muito bem o que significa ser responsável. No século passado, Herder já temia que a palavra humanidade ficasse manchada. Por acaso não se poderia mudá-la? "Humanidade, humanismo, direitos humanos, deveres humanos, dignidade humana, amor ao próximo? . . . Mas dizia que não se pode falar em direitos humanos sem evocar os deveres humanos; ambos são interdependentes e estamos sempre à procura de um termo comum para ambos. E reconhecia que o gênero humano, tal como é e, provavelmente, será ainda durante muito tempo, não conhece, na sua maioria, dignidade alguma, sendo mais digno de compaixão do que de respeito. Faz-se mister, porém, formar-lhe o caráter, levando em conta seu valor e sua dignidade. Assim, o belo conceito de amor ao próximo não passa de uma coisa trivial, logo que o amor geral dos homens faz com que nenhum deles seja verdadeiramente amado.

Perspectiva

ROBERTO AGUIAR

E haja sociólogos

Recife, talvez devido à audácia de sua vitória, à resistência de sua História, à crueza de suas dores, à ambição de seus ideais, tem revelado um vigoroso pensamento voltado para a realidade social. Além dos sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais, os geógrafos e historiadores daqui têm marcado seu pensamento com aquela preocupação. Aliás, é necessário frisar, a vocação humanista, ou mais exatamente, sociológica, do pensamento recifense vem desde a Escola do Recife.

Estas coisas aparecem, às vezes, como importantes e atuais, pelo menos para a reflexão. Entretanto, se uma análise, mesmo superficial, for feita da jovem intelectualidade recifense, não será difícil perceber o distanciamento que ela tem das preocupações que, tradicionalmente, tem constituído o foco das pesquisas antropológicas, históricas e sociológicas aqui realizadas. Há, entre os jovens, pelas mais diversas e contraditórias razões, uma abstinência generalizada da História do pensamento recifense, seu nascimento, desdobramento, seus caminhos, etc. Existem menos historiadores e mais economistas, menos psicólogos sociais e mais educadores, menos geógrafos e mais sociólogos. Enfim, mais atualidade e menos raiz. E, talvez, isto seja especialmente verdadeiro com relação a sociólogos, "vocação" que mais aflora na intelectualidade jovem.

Não é que tenha desaparecido a preocupação com os problemas concretos da nossa gente, suas dificuldades e ambições. Nem é, porém, porque a intelectualidade jovem seja, predominantemente, despreparada. O que está havendo é um hiato entre o que a geração anterior realizou, ou vem realizando, com o seu trabalho intelectual e a tarefa que os jovens se propõem. Antes, partia-se da investigação da realidade palpável, concreta, da nossa gente e buscava-se explicações gerais. Hoje, ao que parece, fica-se mais preso ao atual e imediato.

É claro que entre a jovem intelectualidade recifense existem pesquisadores sérios que dão continuidade ao trabalho das gerações anteriores, algumas vezes divergindo frontalmente de antigas posições. Estes, porém, constituem um pequeno grupo dentro de sua geração. A maioria parece acompanhar o ritmo da inovação estéril. A inovação sem passado que é o comum do pensamento mais divulgado hoje em dia e que predomina nas grandes cidades.

Após se vestir de metrópole, engalanar-se de avenidas, de ruas asfaltadas, de vias expressas, super-mercados, televisões, órgãos planejadores, e outros chilikues de boneca, Recife perdeu a doce ingenuidade de província que, com tanto ímpeto, a impulsionava às audácias da universalidade. Hoje, Recife é repetição. Material e idealmente repete, imita, submete-se. Na vida e nas idéias. E repete movida pela febre de esgotar seus traços de província a fim de, com maior rapidez, se metropolizar. Recife, hoje, quando mais se impõe a obrigação de negar-se como província é quando mais província se torna. Na sua ambição de ser metrópole, revela-se como um matuto exibicionista, a falar e fazer coisas que desconhece a origem e a significação. Atrela-se a um sistema de idéias e a uma rede de relações que lhe sufoca o espírito, lhe caracteriza a face e lhe rouba a identidade.

A jovem intelectualidade recifense, em sua maioria, repete no seu trabalho o mesmo processo que assida a cidade. A História, a Psicologia Social e sobretudo a Sociologia feitas pela maioria da intelectualidade jovem seguem princípios e preocupações forasteiros e revela-se como um pensamento frágil de quem, descortinando as amplitudes dos horizontes, está paralisado e não pode mais andar sobre as pedras já, de tanto tempo, tão conhecidas. Este pensamento de muito perdeu a audácia e perseverança e já não é mais intérprete, simples intérprete sequer, das coisas que aqui se faz e aqui se ama. E isto vale para direitistas, esquerdistas e "radicais do centro". Pior é que nem os jovens sociólogos que, por dever de ofício, teriam de notá-los, se apercebem dos laços que aprisionam o espírito recifense de hoje a razões e sentimentos vindos de fora. E dispensável, atualmente, a pesquisa fastidiosa e metódica que, ao cabo de vários anos produz um livro, para que um psicólogo-social, um antropólogo, um historiador ou um sociólogo jovem tenha prestígio na província. Basta se dar ao luxo de, esporadicamente, escrever a resenha de um livro, adicionando-lhe alguns comentários críticos, que serão ferozes se o autor da obra for brasileiro, e publicá-la num dos jornais da cidade. No caso de obra estrangeira, serão mais frequentes as louvações, sem faltarem os complicados termos do científicês corrente. Não importa que ele se contradiga, sustentando, ao final do artigo, o que condenou de início. Seus leitores, aqueles que ele quer atingir, não o perceberão. Os leitores visados constituem, para este tipo de produção intelectual, um coloquial grupo de referência, uma garantia de prestígio.

Muitas são as causas deste tipo de produção intelectual. Enumerá-las, ficaria até enfadonho. Uma delas, no entanto, é impossível deixar de lado: a mudança nos currículos dos antigos cursos, ginásio e colegial. A juventude não estuda mais História, Filosofia e Latim. Não pode, pois, descobrir o valor das origens. As exigências do ensino da técnica, desde o ginásio, prende o jovem às preocupações do momento. Faz com que ele viva em função do aqui e do agora. O trabalho intelectual surge como mais um modo de se estar atrelado ao sistema que uma produção, criação.

Os sociólogos, nunca vi gente para conhecer tantas coisas diferentes, são a moda. Se alguém, movido por espírito zombeteiro, subir num dos edifícios da Guararapes e chamar, a altos brados, por sociólogos, provavelmente congestionará a avenida. Creio que Sociologia hoje é, para os jovens recifenses, uma maneira cômoda de participar, de truir, e de purgar-se das culpas. Uma espécie de estamos aqui, mas somos contra. O sentido da predominância desta vocação, não pode ser outro.

Professores viajam ao Canadá

Em cumprimento do convênio da UFPE com a Universidade de Saskatchewan, do Canadá, que prevê intercâmbio de pessoal do corpo docente de ambas Universidades, quatro professores da UFPE viajarão para o Canadá, a fim de lá realizar curso de Doutorado, com duração entre dois anos e meio a três anos. Os professores, após a conclusão do Curso, deverão apresentar suas teses aqui mesmo na UFPE. São eles: Clemente José Gusmão Carneiro da Silva Júlio Pacheco Meira e Sá Júnior Marivone Gonzaga de Almeida Valdeciro Colaço.

Em compensação, a UFPE receberá quatro professores canadenses, dois permanentes e dois mutáveis de seis em seis meses.

O convênio envolve 1 milhão de dólares, aplicados em cinco anos, da parte do Canadá, e igual valor da parte do Brasil. Engloba igualmente a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Seu objetivo é efetivar estudos para a aplicação da Energia Nuclear em Física, Química, Bioquímica e Fertilidade do Solo.

Reitor visita laboratório de criação

O reitor Paulo Maciel, da Universidade Federal de Pernambuco, visitou no dia 15 de setembro a Academia-Laboratório de Criatividade Delmiro Gouveia, dirigida pelo tecnólogo José Augusto de Farias.

Na ocasião, o tecnólogo Farias mostrou a necessidade de se explorar o avelós do Nordeste que, segundo ele, "se constitui na matéria-prima técnico-econômica e científica mais apropriada para a síntese industrial do petróleo".

Demonstrou, ainda, que a partir de 1936 vem fazendo pesquisas com o avelós, de onde extraiu quarenta e um produtos industrializáveis, como adubo orgânico e mineral, além de tanino.

Farias fez apelo ao reitor para que, por seu intermédio, o Governo brasileiro conceda recursos necessários e assistenciais para a ampliação urgente da academia que foi criada ainda em Pesqueira, onde ele residiu por muito tempo.



As deformidades físicas, quer no humano, quer nos irracionais, sempre foram, e continuam sendo, ao longo dos tempos, objeto da curiosidade, compaixão e até mesmo repulsa, no plano comum, enquanto, no campo da ciência, têm suscitado a reunião de esforços com vistas à superação das deficiências.

Há, contudo, deficiências de caráter genético — como por exemplo a deformidade a que já se convencionou chamar mongolismo — que têm motivado consecutivas pesquisas nos maiores centros universitários, sem se chegar, porém, a conclusões que possam indicar caminhos capazes de superá-la, até a presente data. Mesmo assim, e por isso mesmo, os estudos continuam, como é o caso do Departamento de Biologia Geral da Universidade Federal de Pernambuco, que desenvolve várias pesquisas no campo da Genética.

A Prof.ª Vilna de Vaaconcelos Mala fez o curso de Ciências Biológicas na UFPE, posteriormente tendo concluído Mestrado na Universidade de São Paulo. Tem ainda estágio de um ano no Departamento de Genética Humana e Biometria do University College of London, onde trabalhou com Cultura de Fibroblastos, medidas de reparo de ADN e trocas cromatídicas em pacientes portadores de Xeroderma Pigmentosum. Tal trabalho está tendo continuação, desta vez sendo feitas as medidas usando cultura de leucócitos.

Pertence, no momento, ao Departamento de Biologia Geral da UFPE, dedicando-se a pesquisas no Laboratório de Genética do mesmo Departamento, especificamente a pesquisas na área de Citogenética Humana, onde desenvolve trabalhos em indivíduos portadores de defeitos congênitos.

A Prof.ª Vilna recebe os indivíduos portadores de defeitos congênitos que são enviados por Maternidades, Hospitais ou Clínicas de Reabilitação, e procura verificar a ocorrência de anomalias cromossômicas nos mesmos. O trabalho é feito visando sempre uma orientação genética para o afetado e sua família. A orientação genética familiar é muito importante, pois objetiva evitar a reincidência de determinadas anomalias em uma família.

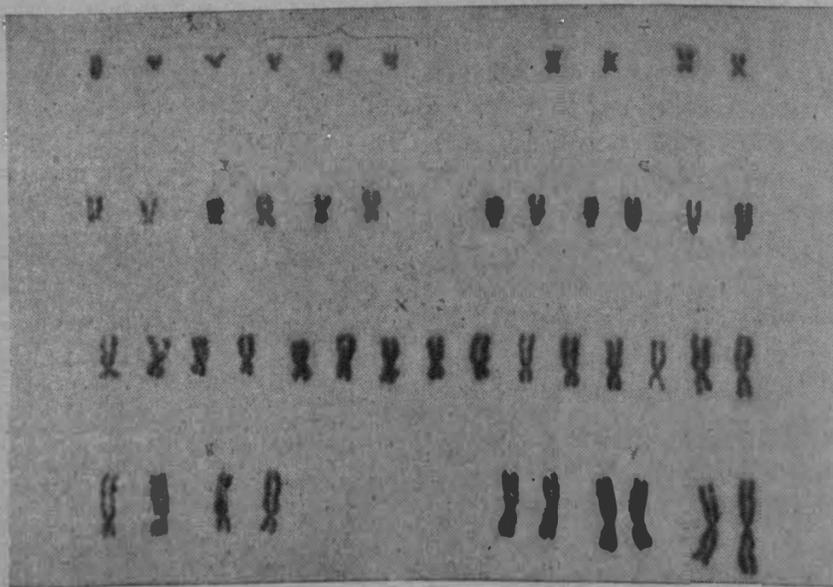
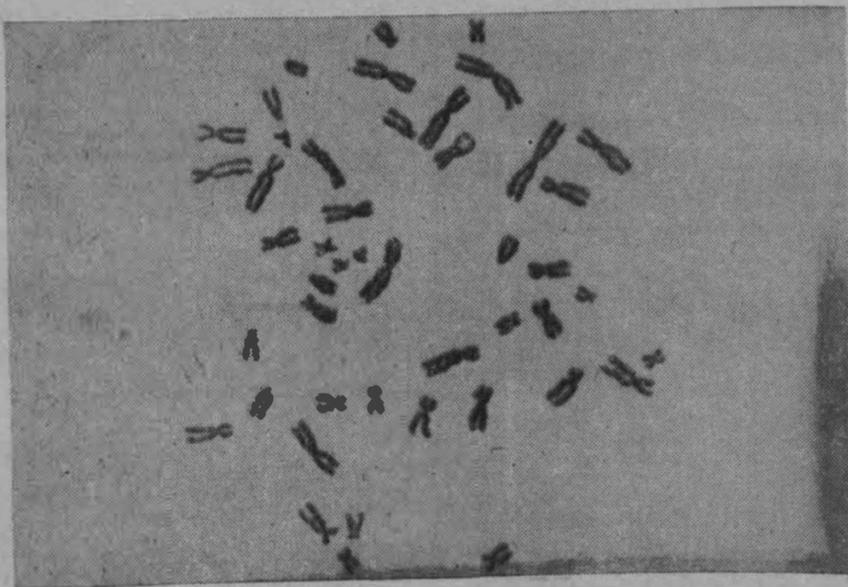
As anormalidades cromossômicas, explica a Prof.ª Vilna, podem, em alguns casos, oferecer altos riscos de repetição em uma mesma família. "Os casos mais frequentes no nosso laboratório", diz a Prof.ª, "são de pessoas portadoras de síndrome de Down (mongolismo), cuja família necessita do diagnóstico cromossômico para uma orientação em relação à sua futura prole".

"O mongolismo é de fácil identificação clínica, mas o exame citogenético é de interesse, dada a existência de dois tipos distintos de defeitos cromossômicos nestes casos. A síndrome é ocasionada pela presença extra de uma das menores unidades do complemento cromossômico, podendo este cromossomo extra existir como uma unidade independente ou translocado em um outro cromossomo do complemento. Para o primeiro tipo, o risco de repetição é calculado com base na idade materna. O segundo tipo (cerca de 3% dos mongoloides) tem risco alto de reincidência e depende do tipo de segregação da anormalidade cromossômica na família".

"Outros casos de defeitos congênitos tem também são frequentes em nosso trabalho, como os que apresentam defeitos fenotípicos onde estão envolvidos o par de cromossomos sexuais, tais como a síndrome de Turner e a síndrome de Klinefelter".

A Prof.ª Vilna Vaaconcelos participou de um trabalho de levantamento de frequência e causas de defeitos congênitos em geral, em 1973, numa amostra de 10.000 nascimentos consecutivos na Maternidade Barão de Lucena. A frequência de malformados foi de aproximadamente 3%, defeitos que variavam de uma simples polidactilia isolada até casos graves de malformações múltiplas que envolviam alterações numéricas e estruturais dos cromossomos. Esta pesquisa esteve ligada ao grupo do ECLAMC (Estudo Colaborativo Latinoamericano de Malformaciones Congénitas, com sede em Buenos Aires), que funciona em várias maternidades de grandes cidades da América Latina.

Deficiência genética (mongolismo) motiva pesquisa na UFPE.



Complemento cromossômico de um portador de mongolismo do sexo masculino, apresentando o cromossomo extra no grupo G

O LABORATÓRIO DE GENÉTICA

O Laboratório de Genética do Departamento de Biologia Geral da UFPE conta com professores trabalhando em três áreas: Citogenética Humana, ligada a problemas congênitos; Citogenética Animal (roedores e morcegos) e Vegetal, ligadas a problemas de determinação e evolução cromossômica de espécies do Nordeste. Os trabalhos são desenvolvidos com a colaboração de alguns estagiários, estudantes da Universidade, que ajudam também nas aulas práticas de Genética, ministradas por membros do Departamento.

As pesquisas são feitas em Integração com laboratórios de outras Universidades brasileiras, participando desde 1975 do PIG — Projeto Integrado de Genética. Este projeto organizado e financiado pelo CNPq, visa um maior entrosamento entre os geneticistas brasileiros, para maior desenvolvimento da Genética no Brasil.

As pesquisas na área de Citogenética Humana são conduzidas pela Prof.ª Vilna de Vasconcelos Mala.

A parte Citogenética Animal, liderada pela Prof.ª Maria José de Souza Lopes, visa à determinação cromossômica de espécies de morcegos e roedores que existem no Nordeste brasileiro. No caso de morcegos, está sendo desenvolvido o estudo com técnicas novas de fluorescência e bandeamento cromossômico em 13 espécies pertencentes a quatro famílias (Phyllostomatidae; Molossidae; Vespertilionidae; Desmodontidae), e o resultado de tais pesquisas será apresentado como tese a nível de Mestrado pela Prof.ª Maria José, na Universidade de São Paulo.

Na área de Citogenética Vegetal, vêm sendo desenvolvidas pesquisas pertinentes à variação cromossômica, em número e estrutura, dentro de famílias de vegetais superiores do Nordeste. Essa pesquisa tem basicamente os mesmos objetivos que a realizada na Citogenética Animal: estudar a variação e evolução cromossômica dentro de grupos taxonômicos inferiores e relacionados.

Paralelamente, vêm sendo desenvolvidos estudos de variação de cebola com diferentes respostas na capacidade de germinação e conservação quando submetidas à radiação. Esse estudo faz parte de um trabalho anteriormente realizado pela equipe de pesquisadores do Centro de Energia Nuclear da UFPE, que mostraram haver essa diferença de grande importância na estocagem desse vegetal. No entanto, as causas dessas diferenças não estão bem determinadas. O exame do conjunto cromossômico da ponta da raiz da cebola pode lançar alguma luz sobre essa diferença de comportamento.

Ambas as pesquisas vêm sendo conduzidas pelo Prof. Marcelo dos Santos Guerra Filho, com curso de Ciências Biológicas pela UFPE e Mestrado em Citogenética Vegetal pela Universidade do Rio Grande do Sul, com a colaboração de estagiários do Curso de Ciências Biológicas da UFPE.

O Laboratório de Genética vem oferecendo diversas disciplinas, de interesse geral e específico, visando principalmente ao atendimento e formação de alunos de Ciências Biológicas modalidade Biológica, os quais vêm tendo preferência para o preenchimento das vagas à monitoria e estágios no Laboratório, face a uma formação mais ampla e profunda nesta área do conhecimento.

MUITA GENTE CULTA MAS POUÇOS PADRES SAEM DOS SEMINÁRIOS



"Fui um seminarista típico. Mas, para contrariar a tese segundo a qual o seminarista típico ingressava no seminário por pressões familiares, tive que impor à família minha "vocação", pois era tradição em minha família que os filhos homens se tornassem engenheiros. Menino do interior, só entrei para o seminário quando minha família já residia na cidade grande.

Verdade que eu fazia do padre uma imagem demasiado sonhadora: o padre era o homem por excelência, dedicado exclusivamente ao serviço de Deus e eu queria servir a Deus o melhor possível.

Entre para o seminário por livre e espontânea vontade e saí também por livre e espontânea vontade. As lembranças? São ótimas, foram dias muito felizes para mim — compreende-se: sou dao a elucubrações místicas.

Reconheço que foi no seminário onde adquiri o gosto pelas humanidades e pela literatura, pelo qual sou muito agradecido".

FRANCISCO BERNARDES DE LACERDA



Com o tempo mudam os hábitos, os sistemas, as perspectivas de vida. Velhos conceitos dão vez a concepções novas, em todos os setores da atividade humana — culturais, sociais, econômicos. Diz um velho adágio popular: "os tempos mudam e com eles o homem". Há obras, entretanto, que resistem ao próprio tempo, são edificadas para servir de exemplo a gerações e mais gerações. Transcendem, portanto.

A história da educação no Brasil tem sido fiel, por exemplo, à obra jesuítica nessa área. Hoje, apesar de estarem resumidos a uns poucos, os seminários diocesanos mantêm uma marca quase que indelével através da formação cultural — isto sem se falar no aspecto estritamente religioso — que conseguiram forjar em benefício de várias gerações. Não é por acaso que, quando alguém se destaca, em termos de cultura, numa comunidade qualquer, ouve-se, logo a pergunta: você foi seminarista? A resposta é quase sempre positiva.

Entre imposições familiares, em determinados casos, e opções espontâneas, em outros, formavam-se contingentes de seminaristas. Ao contrário do que alguns costumam insinuar, obviamente de forma leviana, não havia pretensões econômicas a conduzirem o trabalho dos seminários. Apenas, os alunos filhos de famílias remediadas, abastadas mesmo, davam uma contribuição espontânea para a sobrevivência material desses centros. Os que não tinham condições, ingressavam também e nem por isso deixavam de receber o mesmo tratamento.

Formar gerações com vistas à renovação dos quadros sacerdotais — eis a finalidade precípua dos seminários diocesanos. Finalidade que nem sempre era alcançada, é bom que se diga posto que o fenômeno da evasão sempre foi uma constante, isto é, muitos seminaristas, depois de cinco, seis e mais anos de preparação, sentiam que a sua vocação não era o sacerdócio e deixavam o seminário ao encontro da vida profana. Teria sido inútil, então, o tempo que passaram aprendendo lições de cultura e de religiosidade, pelos quase sempre suntuosos corredores e salas de aula dos seminários? Claro que não. Essa resposta é ratificada onde quer que se encontre um ex-seminarista militante em qualquer setor, pois uma coisa é certa: não são analfabetos, têm bagagem cultural suficiente para qualquer desempenho, notadamente na área das ciências humanas.

O SEMINÁRIO

A imagem estereotipada que em geral se faz do pretendente ao seminário é a do menino do interior, deslumbrado com a figura arquetípica do sacerdote, ansioso por adquirir cultura, mas sem

meios em sua terra, escolhendo o seminário como única alternativa que se lhe aparecia. Não é justa essa imagem, pois grande parte dos seminaristas vinha da cidade mesmo.

O que quase sempre era imprescindível era uma forte formação religiosa por parte da família, onde o menino bebia aquela dose necessária de misticismo, suficiente para que fizesse do padre a Idéia de homem perfeito, sem mácula, devotado unicamente a Deus e a fazer o bem ao próximo.

Depois de muito insistir junto aos pais, tornava-se "cruzado" e corolnha, e depois de fazer amizade com o vigário — e merecer sua aceitação — o menino recebia deste as melhores informações possíveis sobre o seminário e para lá era encaminhado com a recomendação do mesmo.

Podemos reconstituir o dia da entrada no seminário e sua rotina. O menino chegava, davam-lhe uma cama e um armário. Via os seus companheiros e todos lhe eram desconhecidos. Isto lhe dava saudades de casa. Quase sempre o menino chorava baixinho na primeira noite que passava no seminário, baixinho, sim para não acordar ninguém e de forma que não parecesse descontentamento. A vocação haveria de suplantar todas as dificuldades.

E começava uma vida nova, chela de rituais. De manhã cedo, todos os dias, a missa. Depois, o café da manhã, antecipado por orações (como todas as refeições). Na hora do almoço, enquanto comiam, um seminarista maior lia os salmos numa tribuna situada à direita das mesas. Após a refeição, leitura do breviário e um longo recreio. Pela manhã, já tinham assistido a aulas, mas grande parte da tarde era dedicada ao estudo. Depois, esportes, principalmente futebol, pois os seminários cultivavam até a exaustão a máxima "mens sana in corpore sano".

A vida não mudava: estudar, rezar, dormir. Tudo era dirigido para o aprendizado das ciências e humanidades e para o cultivo da fé.

Passavam-se os anos. O rapaz de onze anos, limerbe, agora era um homem feito, forte, sabendo bastante latim, boas noções de grego, História,

Geografia, Filosofia, Literatura, Artes. Quanto à música, tinha ouvidos para os clássicos, sabia apreciá-los: ouvia Bach, Paganini, Liszt, Schumann, Chopin, etc. Na pintura, conhecia Goya, Delacroix, Toulouse-Lautrec, Cézanne, Picasso e tantos outros. Era, antes de tudo, um homem culto.

Depois de sete anos, acabava-se o período do seminário menor. Após ligeiras férias em casa, viria o Curso Superior. Fosse estudioso o seminarista, iria para Roma, fazer o curso na Gregoriana.

Mas nem sempre era assim. A maioria desistia justamente por esse tempo. Já homem feito, o outrora menino sonhador deparava-se com a realidade do mundo secular e forte era a tentação para que ruíssem os alicerces de sua vocação. Os que resistiam eram encarados com admiração, vistos quase como super-homens.

Se desistia da carreira sacerdotal, o ex-seminarista não encontrava dificuldades para seguir qualquer curso superior, dada a sua preparação esmerada. Depois de um curso superior bem sucedido, casava-se, constituía família, e era sempre um bom cidadão. O seminário havia cumprido de sua missão.

A extinção da maioria dos seminários, no Brasil, particularmente no Nordeste, teria sido uma resultante da crise de vocações para o Sacerdócio que se propaga, atualmente, em todo o mundo, e que tem merecido atenção especial da própria Igreja. Outros, no entanto, observam o problema sob uma perspectiva mais sociológica, argumentando que a Igreja não se renovou suficientemente para acompanhar a evolução da sociedade, perdeno terreno em vários setores, inclusive a evasão de sacerdotes — é outro exemplo.

Então, o fechamento de seminários representa uma lacuna impreenchível aos propósitos da Igreja, conquanto, o mínimo que eles ofereciam, em termos de novas ordenações, era um contributo significativo. Pelo menos, a presença dos seminários já refletia, por aí só, um chamamento, uma convocação aos jovens que, não obstante as profundas e sucessivas transformações sociais, não se afastaram, de todo, do sentido de religiosidade

"Para mim, pessoalmente, foi muito boa a experiência como seminarista. No entanto, não posso falar como o seminarista típico. Por dois motivos: em primeiro lugar, porque entrei no seminário voluntariamente, já aos vinte anos, em 1965, para cursar Filosofia, ao contrário da maioria dos seminaristas com quem convivi, que entraram no seminário por imposição paterna, ainda na adolescência, quando não na infância. Esse, sim, era o seminarista típico. Em segundo lugar, o ambiente social do seminário em que vivi — o Seminário de Olinda e, depois, de Camaragibe — já não tinha também as características do seminário típico, em geral, muito fechado para o mundo externo, o "século", como se diz em linguagem eclesial.

Era antes um seminário em transformação, em mudança, e, por isto, muito aberto para o mundo exterior. O que significava que tínhamos muita oportunidade de viver talvez mais as experiências sociais externas, do que a experiência social exclusiva do seminário. Para os meus contemporâneos, aqueles a quem chamo de seminaristas típicos, essa era uma experiência deslumbrante.

Mas, sem dúvida alguma, era o início da decadência dos seminários, não como causa, porém, antes, como um sintoma. Por isso, não posso falar como um seminarista típico de um seminário típico que não conheci. Mas, para mim, o seminário foi uma extraordinária experiência humana, intelectual, da qual lembro — talvez romanticamente — com muita nostalgia".

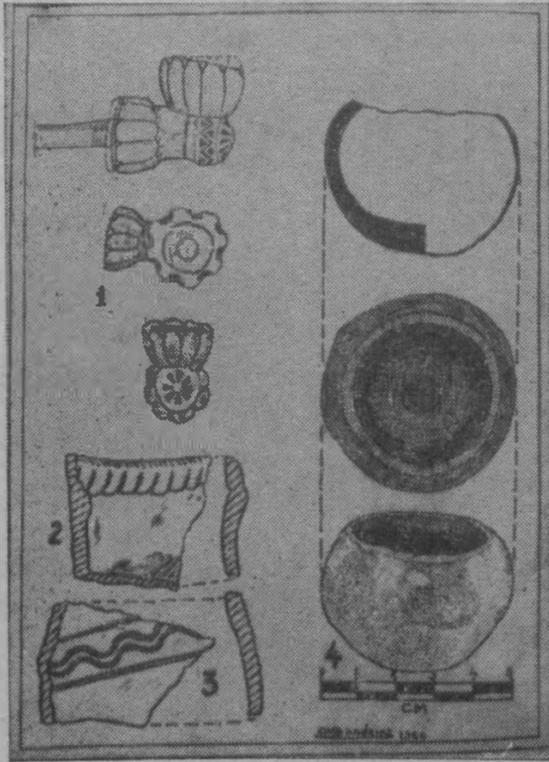
SEBASTIÃO VILA NOVA



Achados arqueológicos numa antiga sesmaria

Encravada no território fluminense de Belfort Roxo e Gramacho, ainda se encontra até hoje a antiga Sesmaria Colonial de São José, posteriormente desmembrada em diversas fazendas, das quais a maior era a de Calundú.

Nesta antiga sesmaria, ainda muito pouco estudada, procedeu-se, há pouco, a um levantamento de caráter histórico e arqueológico. E os resultados foram excepcionais.



Cachimbo caboclo, cacos de cerâmica e cuia de índio, achados nas escavações arqueológicas na Sesmaria de São José, em Belfort Roxo, Rio de Janeiro.

Era uma comunidade pacífica. Desde a época da antiga sesmaria de Brás Cubas, que abrangia a área incluindo o Rio Meriti até a aldeia de Jacutinga, em 1568, confrontando com a Sesmaria de Luís de Góis, no Rio Iguaçu, e a de Jácome Pinheiro, no sertão da Piaçava, desenvolveu-se a exploração da terra, que, cultivada com o auxílio do braço escravo e indígena, começou a desenvolver um próspero comércio regional.

Os vários adelamentos indígenas dos Tupinambás, antigos senhores da região, ajudaram nesta marcha de progresso, promovendo o escambo de produtos da terra por implementos lusos e outros artefatos.

Foi neste clima que se desenvolveu a Sesmaria de São José, com um núcleo residencial acanhado, envolvido nas colinas das terras hoje pertencentes ao Município de Belfort Roxo.

Realizando ali uma escavação arqueológica, foi encontrada uma prova dessa fase histórica da nossa colonização, com vestígios das antigas residências coloniais em vizinhança de ocaras indígenas, confirmando-se, assim, a simbiose ocorrida entre portugueses e índios, que se adaptaram a uma vida de comum interesse.

Em cortes estratigráficos feitos nos sítios histó-

ricos da antiga sesmaria, foram achadas cerâmicas pertencentes a grandes vasos coloniais, cacos de porcelana inglesa e portuguesa, restos de instrumentos de ferro, geralmente pertencentes a ferramentas, tudo em total mistura com a cerâmica indígena, também muito encontrada no local.

TESOURO DE ARQUEOLOGIA

Trabalhando numa região onde as elevações não vão além de 100 metros, cobertas de vegetação de pequeno porte, os pesquisadores localizaram os sítios históricos em um vale alongado, de pouco mais de 450 metros de largura por 1.500 metros de extensão, originado pelo escoamento de toda a carga pluviométrica descida das encostas locais, sendo seu solo composto de uma capa apreciável de areia e detritos de várias texturas. Com o advento dos loteamentos, a área hoje distribuída entre incontáveis proprietários, agrega muitas construções residenciais.

Com este panorama, iniciou-se a pesquisa, então na fase da sondagem, logrando-se descobrir em uma depressão aluvional restos de cerâmica indígena e colonial. Feitas as escavações, descobriu-se em camadas quase compactas de terra, ora cinza, ora amarelo-ocre, de origem argilosa, uma quantidade de ca-

cos de cerâmica que compunham verdadeiro tesouro de arqueologia.

Entre 18 e 22 centímetros de profundidade, seguiu a camada húmica, daí então sendo encontradas as camadas arqueológicas. Eram restos de fogueiras, ossos calcinados, conchas, como a Anadára, carvão vegetal, fragmentos de quartzo, de micaxisto e outros.

Foi então que se desenterrou uma cula indígena, possivelmente utilizada para preparo de veneno, em perfeito estado de conservação. Apresentava ainda um acabamento esmerado, com cobertura de verniz vegetal e alisamento rústico dos mais notáveis, constituindo-se na primeira peça intacta ali achada.

Depois, foram encontrados cacos de cerâmica Tupinambá, com desenhos em relevo, de fina arte, seguindo-se a descoberta de um cachimbo colonial, possivelmente com origens européias, trabalhado em terracota, representando uma flor ou um botão. Um vaso de cerâmica em forma de tronco de pirâmide truncada foi também encontrado, e em bom estado. Só as bordas estavam fraturadas.

Tudo confirmando a coexistência pacífica entre lusos e índios, além de uma prova de que a velha Sesmaria de São José representou um marco na evolução das terras brasileiras.

O BARROCO

ÉLBIO SPENSER

O termo barroco, tão inexacta e abusivamente empregado em nosso país, vem do francês "baroque", que significa: esquisito, bizarro. Hermann Leitch assinala em sua obra "HISTÓRIA UNIVERSAL DA ARTE" ("Kunstgeschichte der Welt"): "Esse termo parece provir, segundo os especialistas, da palavra portuguesa e espanhola "Barroco", designação dada a pérolas irregulares". O professor Antenor Nascente, concordando parcialmente com Leitch (que dá primazia à acepção francesa), define o vocábulo como adjetivo proveniente "do italiano" barroco, como tantos termos de arte. Acrescenta o filólogo pátrio: "o italiano (termo. N.N.) vem do português (pérola irregular)". "O vocábulo foi provocado pelas extravagâncias de Borromini". Borromini, Francisco Borromini, arquiteto italiano do século XVII, discípulo de Maderno e Bernini, realizou inúmeros trabalhos arquitetônicos que se impuseram como obras-primas do estilo do qual foi um mestre — o barroco. Reputado autêntico inovador na arquitetura e na decoração, o ímulo e adversário de Bernini é considerado insuperável em seu estilo. Imaginador agudo, a ele se devem "as colunas bôjudas, as fachadas côncavas ou convexas, os arcos de abóbada quebrados, as volutas invertidas, as cimbras onduladas, as balaustradas às avessas, os ornatos enroscados etc., de que as igrejas de Roma oferecem belos exemplos". O melancólico artista peninsular teve o seu estilo difundido na Europa Central e Ocidental, chegando até à América Latina pelas mãos dos seus seguidores espanhóis.

Inclinemo-nos ou não pela predominância itálica ou francesa no que tange à significação técnica do termo, fato é que a sua raiz etimológica é ibérica, e está jungido à concepção ideológica dos povos luso-espanhóis, porta-voz da Contra-Reforma, e divulgadores zelosos

das expressões do pensamento católico visceralmente tradicionalista dos séculos XVI e XVII.

O barroco como estilo plástico, no entender de alguns estudiosos, é mais um tipo de decoração que um grande estilo fundamental. Ideologicamente ele tem como substrato o gótico, e representa um retorno ao medievo espiritual. Sob certos aspectos o barroco está vinculado à Renascença, todavia, é uma reação enérgica às permissibilidades criadoras, às mundanidades surgidas no decorrer daquele período de humanismo semilalco incipiente. Utilizando o acervo do Renascimento, o barroco procurou fazer uma síntese do verticalismo gótico com o horizontalismo neo-clássico, subordinando numa composição opulenta e grandiloquente a sensibilidade artística aos ideais confessionais, rudemente atingidos pelo protesto reformista. Ele é, essencialmente, uma vigorosa tomada de atitude frente às perspectivas intelectuais e existenciais do seu tempo.

Segundo Hegel: "O corpo humano, na forma por que se apresenta na arte clássica, não é simplesmente representado em sua mera existência sensível, mas também como existência e forma natural do espírito; deve, portanto, ser despido de todas as exigências peculiares ao sensível e à finitude contingente da aparência". Tomando-se em seu sentido próprio a afirmação hegeliana, pode-se definir o barroco em artes plásticas como uma tentativa de superar a negação do sensível contingente na representação estética, introduzindo um valor metafísico nas imagens e no concerto de linhas, trazendo pelo rebuscado, pelo extasiante, pelo sibilino, a onipresença do intemporal na transitoriedade do homem e do natural. Se na arte clássica, do corpo humano os atributos tipicamente sensoriais devem ser abandonados

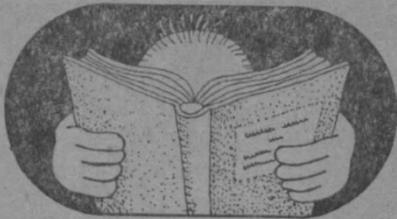
para uma plena, porém abstrata, corporificação de idealização do espírito, no barroco o soma, apresentado unicamente naquilo que espelha os sentimentos místicos ou a paixão transcendental, se purifica sob indumentária pudibunda, intencionado por uma ortodoxia fideísta, por uma aura de espiritualismo e de predestinação. Os atributos somáticos retratados na escultura e na pintura barroca se revestem de um toque de interioridade, de um sentido de submissão, de fé militante; a sua contingência perde o caráter específico; permuta a fugacidade do humano pela perenidade do eterno; adquire uma majestade intemporal, uma dimensão teológica. Isso se acha uberrimamente contido nas manifestações artísticas de natureza sacra, campo onde o barroco se expandiu em toda a sua magnitude.

Estilo esculpático, esmagador, como chamaram os expressionistas e os românticos; desprezível, estranho, alienante, na opinião dos dândis da "Belle Époque", que fizeram retroagir a palavra a uma matriz latina: "verruca", que significa "bossa", ou ao vocábulo grego correpondente a louco. Para um mundo frívolo, profano, secularizado, agitado pela civilização industrial nascente e pelo liberalismo econômico, a serenidade pomposa, a austeridade e o apuro levados ao extremo, o simbolismo místico, a abstração contemplativa, tudo aquilo que é característico do barroco, momentaneamente o religioso, era deveras estranho. A época do barroco é uma época de religiosidade, de subordinação do homem a um plano divino. A hierofania ainda domina o pensamento de intelectualidade, e o sistema de governo se alicerça doutrinalmente no consentimento extraterreno. O feudalismo não está sepultado em todos os países; e se como estrutura de poder é decadente, os seus postulados mile-

nares permanecem ativos nas consciências. Eles se fundem na pessoa do monarca, assessorado por um clero fiel e devotado às aspirações políticas e religiosas, que nos Estados confessionais se interligam inseparavelmente. Protesto simultâneo contra o paganismo e o reformismo religioso, o barroco plástico realizou a união do gótico (conteúdo) com o clássico (harmonia de linhas), encaminhando a arte para um Único Absoluto (Deus), tal como antes fizera o tomismo, voltando para o infinito os três degraus do silogismo aristotélico. Servindo-nos do pensamento de Hegel, pertinente à expressão da arte, poderemos dizer do barroco: "Graças a isso, esse concreto sensível, no qual o conteúdo se revela e se representa, não tem senão o fim de despertar em nosso sentimento e nosso espírito".

Arte de contrição, estilo de comunhão ascética: o barroco sacro. Essa concepção letrada do belo não é apenas um instrumento de ação intelectual em defesa de um patrimônio religioso, é um chamado à interiorização do homem, uma recapitulação dos sentimentos piedosos da Idade Média, envolvidos em véus renascentistas tingidos pelo cristianismo ultramontano, intransigente e resolutivo, que desejava opor um Não enfático às defecções protestantes que mutilavam a unidade política do Ocidente.

Válido em seu tempo como pensamento e ação a serviço de um Ideal, o barroco em nossos dias é o testemunho de um estado de espírito, de uma mundividência ultrapassada, que devia tocar, compungitiva e respeitável, por quanto esteado num "modus vivendi" acordado com a consciência existencial que lhe gerou.



Os Quatro Movimentos de Luiz Bacellar

Numa publicação da Editora Arte Nova, do Rio de Janeiro, Quatro Movimentos, de Luiz Bacellar, tido como o maior poeta Amazonense, é livro em que o autor se faz continuador ortodoxo do simbolismo português e brasileiro, e principalmente deste último, mostrando, sob esse aspecto, um digníssimo herdeiro de Cruz e Souza que resolveu aprofundar o simbolismo do mestre Catarinense com aquisições tomadas de empréstimo da Cabala, da Astrologia, e de outras fontes do ocultismo.

Do Grau Supremo vou-me ao Grau Sublime
e, do Sublime Passo, ao Temeroso
pólem de luz perdido em veio umbroso
só o próton ficcionado me redime.
Anjo decaído, irresoluto, ansioso
oscilo entre o Criador e o Rebelado —
tão fluido coração me deu o Fado
que nem n'água, ar ou fogo dou repouso.
Dou repouso a mim mesmo, hidragirium
faz-me imutável sina o mais aquoso
e evanescente signo estrelar
Para ofertar à Virgo no alto empirium
hei-de quebrar o talo tenebroso
à proibida rosa nuclear.



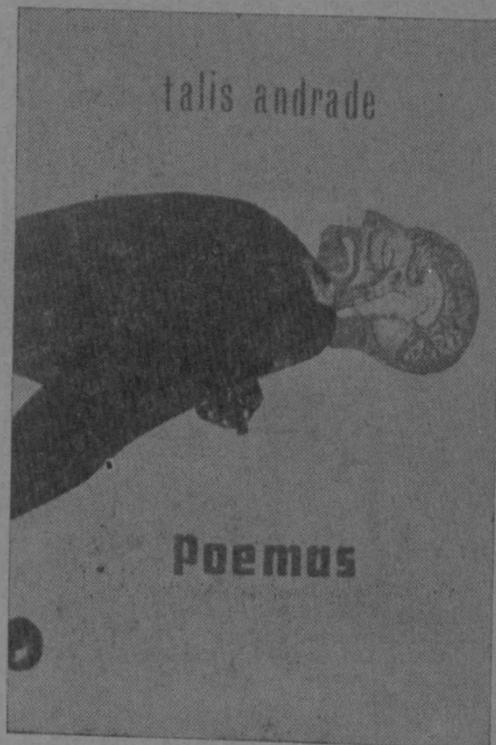
TALIS ANDRADE E SEUS POEMAS

Numa publicação da Companhia Editora de Pernambuco, POEMAS, de Talis Andrade, é obra de poesia subjetivista em que a angústia existencial atinge em alguns dos seus versos momentos estimáveis de conteúdo lírico.

RÉQUIEM N.º 3

Na lousa fria
tu cadáver vieram espiar
curiosos de teu corpo
curiosos de tua beleza
(disseram que parecias
uma linda menina
de riso puro nos lábios)

Trouxeram mãos para te apalpar
(os te) e ainda tiveram malícias
para comentar . . .
Não te trouxeram flores
nem círios.
O poeta inclusive não sabia chorar.
Os homens voltaram para as suas casas
enquanto teu esquife deslizou para a terra.



Severino Filgueira e a poesia surrealista

A mais curiosa figura de sua geração, mescla de ascetismo e loucura, Severino Filgueira torna-se cada vez mais denso e impenetrável em seu mistério poético em virtude da sua própria inadaptabilidade a modelos vigentes, quer na vida, quer na arte, escrevendo num código a que podemos, historicamente, atribuir o epíteto de surrealismo, à mingua de um termo mais consentâneo com sua expressão poética em que o sagrado se casa com o monstruoso.

RECANTO

Sem saída a rama enqulsta a década
enquanto ról a madeira numa briga
de chuva e pedra da aventura
do espaço, do coração, dos noviços apóstolos
documentando o repetido segredo
da sabedoria em movimento das dúvidas.
Vivo informe corrigido da felicitaria
dos dinossauros no sonho dos anjos
contra vôo das águias bem longe dos muros
levantados pelo Colecionador de eternidades
despertadas do sol na lúcida vertigem.

PORTAS

Inevitável fábula do estio
entre velas ainda no espelho
concluindo a tinta do rodapé
que a luz acende na medida
das coisas refeitas com os sinos
ovotados aos interstícios vizinhos
da idéia geral do mundo.
Pretensão no ar subvertido
da fechadura experimentada como herança
da lógica periférica
conduzindo o comum sobrenaturalmente
igual exercício harmônico do plano
burguês defronte da praça.
Juto da superfície dividida
na imitação formalista espalhando
a paráfrase vigilante.

Um poema de Maurillo Sampaio

Maurillo Sampaio anda muito distante ainda de sua própria evolução poética, preso a esquemas românticos ultrapassados, dos quais herdou a musicalidade, necessitando, entretanto, que faça melhor uso dela em trabalhos de uma feição mesmo provisória e indefinida. Pois se trata de um poeta.

Os olhos se fecharam
numa alvorada de dor
e de saudade.

A lividez das acácias
banhou-lhe a face

E o corpo cor de canela
hírtio e horizontal
como o cedro do Líbano
tombou sobre o vale

O HERÓI

A cabeleira cor de mel
beijada das brisas do Hebron
afogou-se entre as flores de maio

O Herói repousa . . .
As rosas de Saron
e o cânhamo silvestre
teceram-lhe original mortalha

E as abelhas douradas
vieram lhe roubar o nocturno
para multiplicar as colmeias

Verbo original e traduzido

A partir deste número o Caderno Literário do JU reserva uma de suas partes para traduções de poetas ou prosadores que contribuíram ou contribuem para o desenvolvimento da Literatura Universal. O critério adotado será, tanto quanto possível, uma absoluta fidelidade aos textos vertidos para a nossa língua e uma relativa liberdade para a recomposição fonética, e também em nível sintático, dos valores representativos dos textos originais.

LEONARD COHEN — poeta canadense, de origem judaica, novelista, letrista e cantor de suas próprias canções. Seus livros de poesia são: *Let us Compare Mythologies*, *The Spice-box of Earth*, *Flowers for Hitler* e *Parasites of Heaven*, já tendo gravado cerca de cinco LP's. Sua poesia é sobretudo marcada por um acento social e religioso traduzido numa maneira pessoal e quotidiana.

TRADUÇÕES DE: ANTONIO LEAL CAMPOS

FOR WILF AND HIS HOUSE

When young the Christians told me
how we pinned Jesus
like a lovely butterfly against the wood,
and I wept beside paintings of Calvary
at velvet wounds
and delicate twisted feet.

But he could not hang softly long,
your fighters so proud with bugles,
bending flowers with their silver steln,
and when I faced the Ark for counting,
trembling underneath the burning oil,
the meadow of running flesh turned sour
and I kissed away my gentle teachers,
warned my younger brothers.

Among the young and turning-great
of the large nations, innocent
of the spiked wish and the bright crusade,
there I could sing my heathen tears
between the summersaults and chestnut bottles,
love the distant saint
who fed his arm to flies,
mourn the crushed ant
and despise the reason of the heel.

Raging and weeping are left on the early road.
Now each in his holy hill
the glittering and hurting days are almost done.
Then let us compare mythologies.
I have learned my elaborate lie
of soaring crosses and poisoned thorns
and how my fathers nalled him
like a bat against a barn
to greet the autumn and late hungry ravens
as a hollow yellow sign.

PARA WILF E SUA FAMÍLIA

Quando jovem os cristãos me contaram
como espetamos Jesus
qual gentil borboleta contra o madeiro
e chorei junto às pinturas do Calvário
com feridas de veludo
e delicados pés retorcidos.

Mas ele não podia ficar suspenso por muito,
tus lutadores tão orgulhosos com clarins,
encurvando as flores com seus pecados
e quando encarei a Arca para contar,
tremendo debaixo da candeia,
o campo de carne moveiça tornou-se amargo
e voltei a beijar meus amáveis mestres
o avisei meus irmãos mais novos.

Entre os moços e grandes
das maiores nações, inocentes
do desejo crucificado e da clara cruzada,
eu pude cantar minhas lágrimas pagãs
entre cambalhotas e guerra de castanhas,
pude amar o santo distante
que entregou seus braços às moscas,
lamentar a formiga espezinhada
e desprezar a razão do calcanhar.

Enraivecendo-se e chorando são deixados na velha estrada.
Agora cada um na sua santa colina
os dias de glória e dor já estão quase findos.
Permitam-nos comparar mitologias.
Eu aprendi minha mentira elaborada
de cruces doloridas e espinhos envenenados
e como meus pais o espetaram
qual morcego num celeiro
para saudar o outono e os últimos corvos famintos
como um oco sinal amarelo.

O TIGRE

WILLIAM BLAKE
Trad: LUCILA NOGUEIRA

Tigre! Tigre! chama acesa
dentre as florestas da noite,
que mão, que olho imortal
compôs tua simetria?

Em que distantes abismos
arde o fogo de teus olhos
desperto sobre quais asas?
Que mão ousa colar?

Que espécie de força, que arte
urdiu o teu coração?
E quando a vida surgiu
que mãos, que pés espantosos?

Que martelo? Que cadeia?
De que forno esse teu cérebro?
Que bigorna? E que garra
teus terrores pôde unir?

Quando os artos dardejaram
o céu, banhando-o de lágrimas,
sorrisu etc ao ver sua obra?
Quem te armou fez o Cordeiro?

Tigre! Tigre! chama acesa
dentre as florestas da noite,
que mão, que olho imortal
compôs tua simetria?

THE TYGER

WILLIAM BLAKE

Tyger! Tyger! burning bright
In the forests of the night,
What immortal hand or eye
Could frame thy fearful symmetry?

In what distant deeps or skies
Burnt the fire of thine eyes?
On what wings dare he aspire?
What the hand dare seize the fire?

And what shoulder, and what art,
Could twist the sinews of thy heart?
And when thy heart began to beat,
What dread hand? and what dread feet?

What the hammer? what the chain?
In what furnace was thy brain?
What the anvil? what dread grasp
Dare its deadly terrors clasp?

When the stars threw down their spears
And watered heaven with their tears,
Did he smile his work to see?
Did he who made the Lamb make thee?

Tyger! Tyger! burning bright
In the forests of the night,
What immortal hand or eye
Dare frame thy fearful symmetry?

ODA AL SANTÍSSIMO SACRAMENTO DEL ALTAR (Fragmento)

FEDERICO GARCIA LORCA

Homenaje a Manuel de Falla

EXPOSICION

Pange lingua gloriosi
corporis misterium.

Cantaban las mujeres por el muro clavado
cuando te vi, Dios fuerte, vivo en el Sacramento,
palpitante y desnudo, como un niño que corre
perseguido por siete novillos capitales.

Vivo estabas, Dios mio, dentro del ostensorio.
Punzado por tu Padre con aguja de lumbré.
Laticando como el pobre corazón de la rana
que los médicos ponem en el frasco de vidrio.

Piedra de soledad donde la hierda gime
y donde el agua oscura pierde sus tres acentos,
elevan tu columna de nardo bajo nieve
sobre el mundo de ruedas y falos que circula.

Yo miraba tu forma deliciosa flotando
en la llaga de aceites y paño de agonía,
y entornaba mis ojos para dar en el dulce
tro al blanco de insomnio sin un pájaro negro.

Es así, Dios anclado, como quiero tenerte.
Panderito de harina para el recién nacido.
Brisa y materia juntas en expresión exacta,
por amor de la carne que no sabe tu nombre.

Es así, forma breve de rumor inefable,
Dios en mantillas, Cristo diminuto y eterno,
repetido mil veces, muerto, crucificado
por la impura palabra del hombre sudoroso.

Cantaban las mujeres en la arena sin norte,
cuando te vi presente sobre tu Sacramento.
Culnientos serafines de resplandor y tinta
en la cúpula neutra gustaban tu racimo.

Oh forma sacratissima, vértice de las flores,
donde todos los ángulos toman sus luces filias,
donde número y boca construyen un presente
cuerpo de luz humana con músculos de harina!

Oh Forma limitada para expresar concreta
muchedumbre de luces y clamor escuchadol
Oh nieve circundada por témpanos de musical
Oh llama crepitante sobre todas las venas!

ODE AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DO ALTAR (Fragmento)

FEDERICO GARCIA LORCA
Trad: ANGELO MONTEIRO

Homenagem a Manuel de Falla

EXPOSIÇÃO

Pange lingua gloriosi
corporis misterium.

Cantavam as mulheres pelo muro cravado
quando te vi, Deus forte, vivo no Sacramento,
a palpitar desnudo, qual infante que corre
perseguido por sete novilhos capitais.

Estavas, Deus, bem vivo no centro do ostensório.
Pelo teu Pal picado com agulhas de lume.
Batendo como o pobre coração de uma rã
que os médicos entregam a uma âmbula de vidro.

Pedra de soledade aonde gemem as ervas
e aonde a água escura perde os seus três acentos,
elevam-te a coluna de nardo sob a neve
sobre o orbe circulante de falos e de rodas.

Eu olhava tua forma levíssima flutuando
numa chaga de azelte e num linho de agonía,
e girava meus olhos ao encontro do doce
tiro ao alvo da insônia sem um pássaro negro.

Assim, Deus ancorado, é que desejo ter-te.
Panderinho de trigo para o recém-nascido.
Brisa e matéria juntas em expressão exata,
por amor de uma carne que não sabe teu nome.

É assim, forma breve de rumor inefável,
ó Deus velado, ó Cristo tão pequenino e eterno,
repetido mil vezes, morto, crucificado
pela palavra impura do homem impurificado.

Cantavam as mulheres pela areia sem norte,
quando te vi presente sobre tu Sacramento.
Em sangue, luminosos, quinhentos serafins,
entre a cúpula neutra provavam teu racimo.

Ó Forma sacratissima, ó vértice das flores,
que de todos os ângulos converge em luzes fixas,
onde número e boca constróem um presente
corpo de luz humana com os seus veios de trigol

Ó Forma limitada para expressar concreta
a multidão de luzes e o clamor escuchadol
Ó neve circundada por cimbais de musical
Ó chama crepitante sobre todas as veias!

O SOCIAL E OUTROS ENSAIOS

MARCUS ACCIOLY

O Brasil não possui uma tradição crítica, porém uma crítica tradicional. Ainda inexistente uma balança capaz de pesar o volume de obras que os nossos autores produziram em quase cinco séculos. Escritores têm entrado para a história da literatura ou na história literária — a árvore e seu campo — através de apelidos, chavões, rótulos, clichês. Alguns ficaram "consagrados" por um único soneto. Outros receberam, mesmo após a república, títulos de "príncipes". Houve "canonizações" e "mumificações" à imortalidade.

Em contrapartida, os iconoclastas de hoje derretem o bronze e deformam o mármore para a justiça dos túmulos. Nomes são excluídos pelo tempo ou pela erva e, no cemitério dos deuses, corpos são enterrados novamente, às vezes com as suas almas. Mas, dessas revisões históricas, sempre alguns cabelos florescem: Souzaândrade é um exemplo e, o mais recente, Lima Barreto.

Diante da perspectiva do passado e do futuro — espelhos duplos — o intelectual moderno, em vez de afirmar ou negar, deve ter a coragem de repetir *The Waste Land*: "These fragments I have shored against my ruins / Why then fit you".

Menos que a Língua Portuguesa, o que isolou a Literatura Brasileira do resto da América-Espanhola, foi a falta de unidade: o Brasil dividido em "brasís". Pode-se falar de um espírito europeu, da mesma maneira que se sabe um espírito hispano-americano. O mesmo não acontece dentro do triângulo deste país, onde os contrastes são os confrontos e vice-versa. Um catálogo único caberia os nomes de Borges, Cortázar, Vargas Llosa, Carpentier, García Márquez, Scorza, Rulfo, Asturias, Fuentes. Em nosso caso, a repetida frase de Luís Alberto Sánchez — "Latinoamérica, novela sin novelistas" — valeria ao Inverso: Brasil, novelista sem novela.

Em nenhuma época brasileira houve um tempo literário brasileiro. A dicotomia e fragmentação sempre fizeram do Sul — Rio e São Paulo — uma vanguarda e das províncias uma reação. Paradoxalmente, as vanguardas do Sul resultaram em reação e a reação das províncias se tornou vanguarda. Assim foi no Romantismo, no Modernismo, em todos os "ismos". O Sul tem sido uma espécie de praia ou arrecife que rebenta a água, porém, o mar mesmo que, segundo Eliot — "Clanges/ The bell" — tem sido as províncias. Isto não significa uma descaracterização, pois, assim como o mar lança na praia "nossos ossos, a rade rasgada, o covão em pedaço, o remo estilhaçado e os utensílios de estrangeiros mortos", ele próprio retira da terra, toda esta "criação pretérita e diversa". O mar funde, urde, tece, fila, respira no seu fôlego os ventos mais distintos. Tudo é uma questão de clima, como observa La Bruyère: "Parece que a gente depende dos lugares para o espírito, o humor, a paixão, o gosto, os sentimentos". Porém esse mar ainda não é um oceano.

Um fato, estrangeiro e isolado, mereceria consideração: a literatura de Jorge Luis Borges. Cuierem Borges um europeu (assim sua influência e formação) um desgarrado da América, ou um caso à parte e a mais ou a menos. Sem discutir o fácil-difícil problema do nacional-universal, pode-se encontrar em Carlos Fuentes — *La Nueva Novela Hispanoamericana* — uma explicação de

"Quien conoce Buenos Aires sabe que el más fantástico vuelo de Borges ha nacido de un patio, de un zaguán o de una esquina de la capital porteña. Pero quien conoce Buenos Aires también sabe que acaso ninguna otra ciudad del mundo grita con más fuerza: ¡Verbalizame! Una vieja boutade dice que, los mexicanos descienden de los aztecas, los peruanos de los incas y los rioplatenses de los barcos. Ciudad sin historia, urbe transitiva, Buenos Aires necesita nombrarse a si misma para saber que existe, para inventarse un pasado, para imaginar-se un porvenir".

Não é necessário ser escritor para se chegar à conclusão de Fuentes, basta que se seja viajante ou, como o próprio Borges, que se sinta "na rua Tucumán, entre Sulpacha e a Esmeralda" em 1889 ou 1976, não importa. Basta situar-se em Palermo "das ruas Serrano e Guatemala", onde os compadritos com seus cuchillos e o "vizinho Evaristo Carrlego, que foi o primeiro poeta argentino a explorar as possibilidades literárias que estavam ali à mão". Basta compreender a essen-

cia do tango que Ernesto Sabato descreve como a única dança popular "introvertida":

"El tango es triste, es dramático, expresa muy bien es rasgo esencial del hombre rioplatense: su frustración, su nostalgia, su espíritu, su desencuentro, su rancor y su descontento".

Sob tal aspecto, Borges não é europeu nem mesmo latino-americano, Borges é portenho. Esta palavra define a sua personalidade e o seu gênio. Buenos Aires/ ya son mi entraña ou "Hacia al Oeste, el Norte y el Sur/ se han desplegado — y son también la patria — las calles".

O registro deste fato implica na conclusão seguinte: o que em Buenos Aires é exceção, no Brasil é regra. Decerto que não possuímos um puro sentimento urbano e (salvo Machado e tal vez Macedo) o que prevaleceu foi o rural. Drummond fez a maravilhosa fusão poética do "Ermo" com a "Cidade Grande" e, hoje e agora, já não é o rural que se dissolve no urbano, mas este naquele.

Lidamos com um material ambíguo porque está comprometido pelo tempo. A agressão tecnológica já não comporta nossa "legítima defesa", estamos sob o impacto de "violenta emoção" e o presente acontece tão inversamente contraditório como um futuro sobre o passado. Somos este futuro.

Consideremos em nosso rosto a ausência de fíntiva de traços mapuches e araucanos, que caracterizam o chileno; consideremos a falta das ruínas peruanas de Macchú Picchu — com uma neve de pedra sobre a cordilheiras andin — cantadas por Neruda e pela quase ficção má gico-científica; consideremos finalmente, que não possuímos, sob nenhuma de nossas cidades os alicerces remotos de uma Tenochtitlán, como acontece com a capital do México, no planalto de Anahuac. Resultantes de uma miscigenação-híbrida de três raças (nosso branco não veio apenas de Portugal, nosso negro não saiu de um só país da África nem nosso índio de uma tribo única) somos um povo desenraizado. A pergunta-resposta de Jorge de Lima é a nossa resposta pergunta:

Mas como foi esse índio? Todos sabem. Ele mora no vosso olhar já verde, na vossa louridão, no vosso passo. Os índios se esconderam no homem branco, nos seus assombros, ele se invadindo de ocasionados índios, de outros índios.

A avalanche estrangela que rota sobre nosso país, através dos meios "frios" e "quentes" da comunicação ou de outros processos, nos pega — em uma frase — desprevenidos. Buenos Aires resiste com o tango "introvertido" e nós não podemos resistir com o samba ou o frevo "extrovertidos". Mesmo o Nordeste é uma realidade extinta: as origens que restavam foram cortadas com a cana de açúcar. O rádio-de-plilha matou o folclore e os pifanos de taboca foram substituídos por tubos de plástico, assim como a san-dália-japonesa usurpou a alpercata-de-rabicho.

Ante tal panorama tudo parece para sempre perdido, mas — drummonlanamente — "de tudo ficou um pouco", ou — à Jorge de Lima — ficou um pouco/ de tudo, esses anzóis pescando taras". O pouco que ficou é chamado por nós de "O Épico" e por Ormindo Pires Filho, com a mesma conotação, de "O Social". Daí este livro: *O Social e Outros Ensaio*.

Seria necessário descer ao poço do tempo para arrancar os esqueletos, as estruturas, os arcabouços antigos das epopéias de Gilgamesh, Mahabharata, Hinos do Rig Veda, Nibelungos e trazê-los a nossa época. Porém, melhor seria concluir que na origem do homem está a origem das lendas. A bipartida divisão do mundo nos concedeu uma literatura que remonta a Homero: somos ocidentais. O épico tem confirmado o épico através das idades e os exemplos merecem ser citados: o episódio de Polifemo, que aparece na *Odisseia* (Rapsódia IX) é narrado, em prosseguimento, no canto III da *Eneida* de Virgílio. A descida de Ulisses ao Hades (Rapsódia XXIV da *Odisseia*) motivou a descida de Enéas aos Infernos (Livro VI da *Eneida*) que, por sua vez, inspirou — no sentido próprio do termo —

a *Comédia de Dante*. Em nossa língua, Camões (que também tem um Polifemo/Adamastor) retoma Virgílio e o Caramuru de Santa Rita Durão segue os *Lusíadas*. Com Basílio da Gama, no Uruguai, se inicia uma renovação do épico que vem a Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto.

Ormindo Pires Filho, neste seu livro de estréia — *O Social e Outros Ensaio* — aborda o assunto como se desfiasse o tempo brasileiro, dentro da modernidade (ou moderna/idade). Ele, histórico e didático, puxa Gregório de Matos e, através de textos, atravessa arcades e românticos, até os de hoje. É certo que o volume segue com "Outros Ensaio", porém, dentro deles, também se encontram "Os Símbolos Épicos da Humanidade": Joyce Whitman, Rilke, Dostoiévski, Guimarães Rosa, entre outros (ensaio). E ao algum ensaio foge à regra é porque ele também quis os "outros". Por isso não se descurou de um mestre como Baudelaire, que não se situa no primeiro, porém no quarto grau da poesia lírica — conforme a classificação de Fernando Pessoa — onde o poeta "em grande número de casos, cairá na poesia dramática, propriamente dita, como fez Shakespeare, poeta substancialmente lírico erguido a dramático pelo espantoso grau de despersonalização que atingiu". Demais, e épica a lição de Baudelaire, no sentido de que devemos colher as antefiores, ou seja, as flores do mal.

Contemporâneo de um tempo que chamamos, em outro trabalho, "Época-épica", Ormindo Pires Filho está armado, com os instrumentos da crítica moderna, para o fundamental aspecto da nova poesia: o épico-religioso (que faz lembrar o épico-maravilhoso). No Mosteiro de São Bento, em Olinda — ele — aos quarenta e um anos — deve ter pensado aquela "paciência ardente" que herdamos de Rimbaud. Paciência que às vezes torna-se "impaciência ardente". Ormindo é dotado de uma "paciência fria", ou seja, de uma consciência crítica capaz de chegar ao fim. Diferente de nós, que somos fanáticos e apaixonados, ele se move quase imóvel entre os encaixes (dentro do quebra-cabeça do poema ou do texto em prosa) escrevendo como fala. Sua natureza é mais de escafandrista que de mergulhador: seu fôlego é, verticalmente, profundo e seu mergulho melhor equipado. A descida é orientada a um determinad ponto, oposto à "mosca" do mergulhador que faz avanços e recuos, oscilando com a água. Assim, ele evoca o quase desconhecido Pedro Luiz, o retórico poeta de Terríveis Dea — "Quando ele apareceu no escuro do horizonte" — que provocou a paráfrase de Castro Alves: "Quando ela se alteou nas brumas da Alemanna". Luiz Gama é outro "ilustre desconhecido" que Ormindo arranca dos espelhos em trevas, via Manuel Bandeira. Finalmente, ao lado de Drummond e Cabral, Ormindo Pires Filho assenta alguns nomes do épico-social brasileiro: Mário, Vinícius, Thiago, Gullar, Bueno, Gelr, Paulo Mendes Campos.

É preciso não esquecer que a literatura se faz por uma necessidade e um compromisso inaplicáveis. Não são as palavras que movem o escritor. Elas são movidas por ele e nada dizem sem que ele diga. Não basta ler o dentro das palavras, pois a leitura de um dicionário não conhece ninguém. A palavra *saudade*, por exemplo, é tão abstrata como a palavra *cais* ou a palavra *pedra*. Repetir-la seria repetir a frase do Hamlet, exceto, se *saudade* tivesse o poder evocativo de uma descrição, como acontece no *Werther*, onde o nome de de Klopstock sugere a sua odo. Não obstante, o verso de Fernando Pessoa —

"Ai, cada *cais* é uma *saudade* de *pedra*" — concretiza em *cais* e *pedra* a palavra *saudade*.

Algumas análises eliminaram o autor. Outras os textos. Certas teorias se fundamentam em incertas teorias. As palavras têm sido esvaziadas como uma rede e ninguém sente mais a dor das coisas dentro dos olhos. A estética kantia-

na — o belo é o que agrada desinteressadamente — comportaria uma inversão: o belo é o que interessa agradavelmente.

Ora, o épico-social objetiva o homem e a arte do homem ainda é o homem. Ormindo Pires Filho sabe que penetrando naquela, também se penetra neste, que é o objeto de sua imagem. Tampouco ele desconhece a consideração de Sabato:

"Pero es precisamente esa inevitable Irupción del artista en el objeto lo que hace superior el árbol de Van Gogh el árbol de Millet y al de cualquier fotógrafo.

Mas, todavia, ese árbol es un retrato del alma de Van Gogh".

A Literatura Brasileira pretende chogar ao fim deste século com a sua esfinge desvendada por poetas-críticos como César Leal, Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Mário Chammie, Mário da Silva Brito, Gilberto Mendonça Teles, Affonso Romano de Sant'Anna, Gladstone Vieira Belo, Leônidas Câmara, ou críticos-ensaiistas como José Guilherme Merquior, Nelly Novaes Coelho, Leodegário Azevedo, Marcus Antônio do Prado, Janilton Andrade. Ormindo é um destes.

Do Épico em Castro Alves — "O estampido estupendo das queimadas/ enrola-se de quebradas em quebradas" — pode-se chegar a João Cabral de Melo Neto: — "O sol de Pernambuco lava dois sóis/ sol de dois canos, de tiro repetido" — por intermédio do estrato fônico (fônico), do estrato óptico e da palavra-objeto, na visão fenomenológica de Ingarden. Como ensaísta, professor de Literatura e estudante de Pós-Graduação, Ormindo vê esta visão que, no seu caso, não é apenas social, porém filosófica e metafísica.

O fenômeno do épico salvou a nossa literatura — e outras — dos corrosivos ácidos líricos. Nossos poetas precoces, mesmo os que atingiram a genialidade de um Álvares de Azevedo, raramente subiram do primeiro grau subjetivo. Parte desta literatura foi um grande ensaio, uma *Lira dos Vinte Anos*, uma promessa de *Primaveras*. Mas, entre as flutuações ou "Espumas Flutuantes" dos autores e obras, se fez um tempo épico. O Romantismo, através de dois poetas, conseguiu produzir um duplo Pedro Ivo e até o próprio Parnasianismo nos legou, via Bllac, um *Caçador de Esmeraldas*. Pela coincidência do título, outra coisa não tem sido Ormindo Pires Filho — dentro deste universo fragmentário de tendências literárias — senão um caçador do épico-social. Como Nelly Novaes Coelho, ele é o redescobridor de um tempo que permanece nas mutações (porque o rio de Heráclito é o mesmo rio de Sidarta).

Agora estamos às portas de um novo Romantismo, ou melhor, de um novo Realismo: o Realismo-Épico. O próprio mundo, como uma bomba, se desintegra e renasce da árvore do cogumelo atômico. Pode-se vislumbrar, através do observatório da galáxia, o Apocalipse e o Gênesis. O mundo e o homem, nascidos da água e do barro, serão, através do Criato, modelados no fogo. É preciso nascer de novo para a vida e a arte.

O Social e Outros Ensaio de Ormindo Pires Filho é, portanto, um livro oportuno, já que o "spleen" romântico foi substituído pela "fossa" moderna e os dois se interpenetraram em uma palavra: caos. O caos do "spleen", o caos da "fossa", o caos do caos, não é outro, senão o caos-lírico.

Urge que os escritores deste tempo compreendam uma expressão: o mundo lírico morreu, e o épico renasce do crapúsculo.

* Com estes fragmentos escrevi as minhas ruínas/ A fé que vos darei o que é devido.
** Tange/ O sino.

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

Fala-se muito dos fariseus e se esquece dos escribas. Jesus Cristo detestava a ambos, e não falou em nenhum momento que uns fossem melhores do que outros. Mas os escribas conseguem ser piores do que os fariseus, por transformarem em literatura o farisaísmo dos seus irmãos de sangue. Os escribas são os embalsamadores da Palavra. São os semeadores de cinzas. São os assassinos e sepultadores do fogo divino nos homens. A maioria dos escribas são poetas. Mesmo que nada tenham a ver com a poesia.

A arte e a religião nunca foram criação dos críticos mas do Povo, por meio dos seus reveladores: os profetas e os poetas. Os profetas e os poetas, por quererem ao mesmo tempo criar e salvar sempre a alguma coisa, nunca se negaram a encarnar na vida as idéias, às custas muitas vezes do Sacrifício, mas nunca de uma traição ao espírito da Vida. Os críticos, que são também escribas, nunca levaram a lugar nenhum. Eles são mais cegos do que a própria cegueira poderia suportar.

Todos nós somos testemunhas. Uns testemunham a verdade; outros a falsidade e a mentira. Cada um responderá pelo testemunho que lhe for próprio. Ninguém fugirá ao destino de depor perante a grande Mesa. Inquisidores ou inquiridos: todos serão testemunhas.

★

Quero ver a Igreja não só manifesta mas manifestada. Essa Igreja, tremendo do frio não já das catacumbas mas dos desertos e das geleiras, sacudida pelo fogo pentecostal da Palavra. A Igreja militante, que se cansou de não esperar o Espírito, recebendo, pelo batismo de fogo, as vozes não só angustiosas de esperança da Igreja Padecente mas as vozes celestiais e chelas de jubilo da Igreja Triunfante. O Espírito Santo é coletivo e fala, pelo clamor de muitas vozes, que nunca foi mudo. Só os funcionários da fé podem desconhecê-lo.

★

É difícil distinguir o diamante falso do verdadeiro. Mas é inacreditável que o falso venha obtendo, cada vez, maior valor. Entre o falso e o ruim é certamente mais preferível o ruim, porque enquanto este proclama a própria essência, o falso escamoteia o verdadeiro e quer passar por Bem. O falso, pior do que o ruim, assassina duas vezes o Espírito.

★

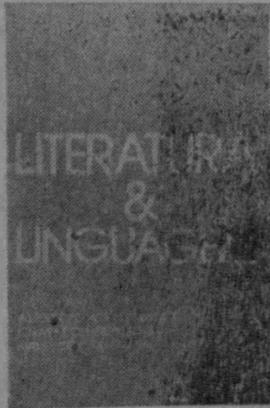
Os poetas, como os profetas, só existem pelo testemunho. Testemunha é aquela que vê e dá testemunho da visão. O seu testemunho é a Palavra. Testemunha é aquela que vive e morre pela Palavra, revelando-a aos vivos que vivem na morte. Por isso o Verbo é o único mediador entre Deus e o Homem.

Nova Edição de

“Literatura e Linguagem”

Numa segunda edição revista e ampliada, “Literatura e Linguagem”, de Nelly Novaes Coelho, que recebeu o prêmio para Ensaio, Jabuti-1974, pela Câmara Brasileira do Livro em São Paulo, a autora, conceituada crítica nacional, aprofunda a análise das correntes poéticas contemporâneas, estudando aspectos mais recentes da nova poesia e apresentando nomes pouco conhecidos nacionalmente, apesar de publicados em Editoras do Sul do País, como Marcus Accioly, José Mário Rodrigues e Ângelo Monteiro.

Dentro de uma linha de abertura conceitual, que não se confunde com o nivelamento por baixo dos processos e obras literárias, a Prof. Nelly Novaes Coelho culmina o seu livro com uma proposição final que investe e incorpora, através de pequenos textos, as diversas linhas de convergência da poesia brasileira a partir dos anos 60.



Ivaldo Carvalho e a Sombra de Camus

Ivaldo Ricardo de Carvalho. Nascido em 3 de abril de 1938 na cidade de Gravatá-PE. Professor de Geografia. Tem por hábito jogar xadrez (ocupa atualmente o título de campeão, em sua cidade) e escrever, quando não está cuidando das plantas de seu quintal. Foi um dos fundadores, secretário e, posteriormente, presidente da Associação Cultural Machado de Assis. Contista, cronista, conferencista. Em seus trabalhos literários focaliza geralmente os problemas sociais (poluição, casos jurídicos, educação, explosão demográfica, etc.). Recentemente escreveu: **TERRA E GENTE DE GRAVATÁ** (abordando aspectos geográficos, históricos e sociológicos deste município). Há quinze anos que leciona na atual Escola Estadual Devaldo Borges.

O ÂNGULO PSICOJURÍDICO DE “O ESTRANGEIRO” DE CAMUS

Poucos são os livros já consagrados no âmbito da literatura universal que oferecem tamanha variedade de observação, dentro dum contexto tão limitado, como **O ESTRANGEIRO**, de Albert Camus.

Sem discutir o mérito da obra pela simplicidade de expressão e pela universalidade do tema, nota-se o quanto vale a narrativa por focalizar e combater, em sua essência, um recurso de ordem jurídica atada corriqueiro nos tribunais de nossos dias, e de efeito tão poderoso, embora injusto.

Na estória, o autor deixa bem claro que Meursault (personagem central) baleia mortalmente um árabe, em condições agravadas à condenação: a vítima estava deitada, o criminoso — diga-se de passagem, “converso” — não havia sido diretamente insultado ou instigado a matar, pois ele próprio atribuiu ao acaso a causa do crime, e, além do mais, dos cinco tiros, quatro foram disparados no corpo já inerte. Exatitu, portanto, o homicídio (indiscutível, até) cuja gravidade do mesmo, ou não, passa a ser outro ângulo da questão.

O aspecto aqui abordado, prende-se exclusivamente a certos argumentos utilizados durante o julgamento do réu, os quais influíram fortemente para condená-lo (a morte, inclusive), apesar de não estarem ligados ao verdadeiro fato condenatório.

O corpo de jurados deixou-se decidir pela culpa, estribando-se nas circunstâncias de o acusado ter internado sua mãe em asilo (público) para velhos, mas sem considerar que ele não podia sustentá-la financeiramente; de não a ter visitado constantemente, sem levar em conta que já não havia mais interesse recíproco em viverem juntos, e não dispor ela de tempo suficiente — como filho único e operário — de estar sempre ao lado dela, sendo portanto o hospício para doentes, o lugar mais adequado em virtude das companhias ali encontradas; de não ter querido olhar a mãe morta e ter fumado, tomado café com leite, e não ter dormido diante do cadáver dela; de não ter ele chorado “uma única vez e que partira logo a seguir ao enterro, sem permanecer sequer uns momentos no cemitério”, e de, no dia posterior à morte da mãe, ter tomado banho

de manhã e ido ao cinema com uma “amante” assistir a um filme comico; e até a de ignorar a idade de sua genitora.

Ninguém admitiu que o enfado da viagem por mais de duas horas em estrada ruim, o fizera dormir; que o café foi oferecido pelo porteiro do asilo, e aceito talvez por urbanidade ou desejo de beber; que a crença ou descrença, religiosamente falado, é um direito estritamente pessoal; e que nada daquilo que lhe exigiram, faria com que a ação do crime o tornasse menos culpado.

Toda essa pressão psicológica sofrida pelo réu, vendo-se julgado pelo que deixou de fazer e não pelo que praticou de insofismavelmente condenável, despertou nele a descrença na justiça humana, e até mais do que isso: fez nascer-lhe a cólera do quem, já consciente de sua culpa e conformado da pena correspondente, se ver massacrado, humilhado, desnudo do lado bem que todos nós temos, justamente por aqueles que têm por missão maior reconstruir a sociedade pela justiça.

O objetivo primordial de Camus em **O ESTRANGEIRO** foi, negavelmente, o de bradar contra esta faceta negativa e comum no convívio entre os homens, sobretudo porque ela sobrevive às reformas judiciais e encontra guarida na consciência de muitos dos julgadores facilmente influenciáveis.

Não quis o escritor, talvez de propósito, relatar um caso de pura inocência para evitar o sentimentalismo, quase sempre ridículo ou hipócrita. Procurou até, ao forjar a cena do assassinato (talvez, de pouca reativação), dirimir de qualquer dúvida, o leitor, quanto à autenticidade do crime, para depois expor, abertamente, as “surpresas” com que sempre nos deparamos de forma diversa nas esquinas da vida, através deste monumental exemplo estagnado com realismo, no livro em comentário.

Dessa maneira deu a grande lição de nos prevenir da maldade e estupidez humana, ou, mais ainda, de nos preparar para enfrentá-las com a altivez que exige nosso amor próprio, pois delas ninguém até hoje pôde escapar.

Antônio Leal e o Retorno dos Circuitos



Publicando com uma certa parcimônia os seus poemas nos jornais do Recife, Antônio Leal Campos, que escreve por igual em inglês e português, vem atingindo cada dia uma maior densidade em seu trabalho poético dotado de qualidades e recursos definidos e próprios. A muita gente irá estranhar a singularidade de sua poesia marcada, no mesmo tempo, por preocupações de renovação sintática que o identificam com linhas experimentais e por um sentido marcadamente transcendental porém inseparável do cotidiano. O seu livro, ainda inédito, “O Retorno dos Circuitos”, que reúne poemas escritos em inglês e português, será publicado pela Quiron, de São Paulo no primeiro semestre do próximo ano, em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife.

PRECISAMENTE AOS 30

ANTÔNIO LEAL CAMPOS

A alguns passos a partir de agora:
Um segundo parado no centro do círculo
A cabeça cai gentilmente para trás.
O chão eu conheço bem.
As nuvens são escalpos do céu,
Morto cinza se decompondo em chuva.
Mas não te enganes, irmãzinha,
O mundo não flutua.

Os acidentes pressionam-me ao pé da janela
E eu olhando meu corpo não via distinção;
Também passava eu ao pé da mesma janela —
Esta porta suspenso entre tijolos.

Me tenho lançado no pelo punhados de fermento;
Crescido ao sul todos estes anos.
Um cogumelo levedado
O trem galopa velozmente;
Nos vagões os homens fumam charutos
De outra Havana e naquele momento
Chegam até a ignorar a roda
Beija-me neste instante;
Amanhã a cauda do cometa
Poderá ser o dia inteiro.

BRIZOMÂNTICO

ANTÔNIO LEAL CAMPOS

Celestes estertores — trovões — zunzunam
Pela cereja de pau a pique o vento pastoreia
Deu-me no gosto tomar meus dias com pressa
E o mundo —

— aza vulcânica no fundo da mente

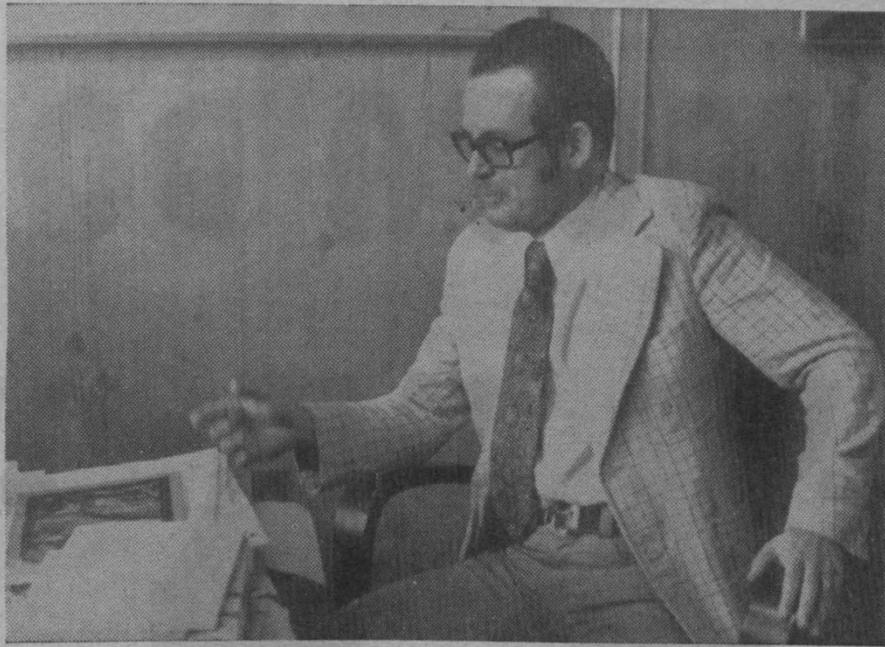
Fonzo tempo da molho. Em paradas águas
Cerúleas. Antigo arco-iris estagnado. Ali
Me descalço; ando na carne. Maciamente
Fecando, com assas autopodadas.

Cada verso aporta como um profético pergaminho
Se desenrolando a partir de mim: língua de Alas.
Vesgadamente eu olho e tomo a maldade como ducha
Desperto. A claridade da vida —

— sempre menor

Que tu do sonho.

Valter Rosa Borges e a ciência do mistério



VALTER DA ROSA BORGES

1. Nasceu no Recife em 15 de março de 1934.

2. Iniciou a sua atividade intelectual no ano de 1950, quando, juntamente com outros jovens de sua idade, fundou o "Grêmio Cultural Joaquim Nabuco", sociedade literária da qual foi presidente por inúmeras vezes.

3. Em 1954, publicou um livro de poesias, intitulado "Os Brinquedos", o qual foi bem recebido pela crítica da época.

4. Diplomou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco em 1959.

5. Aprovado em concurso público, foi em 1963, nomeado Promotor Público, tendo assumido a Comarca de Petrolândia. Atualmente, mediante designação do Procurador Geral da Justiça, do qual é Assessor, está respondendo pela 1.ª Procuradoria da Justiça, em matéria cível.

6. Desde a fundação da TV Universitária Canal 11, em 1968, até hoje, vem produzindo e apresentando programas de alto nível cultural, onde se destaca "O Grande Júri", cuja audiência é das mais selecionadas.

7. Há mais de 20 anos, vem-se dedicando ao estudo e à pesquisa dos fenômenos paranormais, tendo, em 1973, juntamente com outros estudiosos da Parapsicologia, no Recife, fundado o "Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas", sociedade científica cujo objetivo é a investigação dessa fenomenologia. É o presidente da referida sociedade, desde a sua fundação.

8. Em julho do corrente ano, lançou o livro "Introdução ao Paranormal", na TV Universitária Canal 11, com apresentação do Reitor Paulo Maciel. O livro foi motivado, principalmente, pelo Curso Básico de Parapsicologia que Valter da Rosa Borges ministrou, com êxito, em 1975, naquela televisão.

Há 20 anos, precisamente, um fenômeno estranho marcou a vida de um estudioso pernambucano, motivando-o definitivamente a palmilhar os caminhos da Parapsicologia: durante reunião doméstica, com pessoas de sua absoluta confiança, teve a oportunidade de examinar, minuciosamente, à claridade de uma lâmpada de luz vermelha, uma mão completamente materializada. Esta peça anatômica, surgida do nada, apertou-lhe a mão e, a seu pedido, suspendeu, a quase meio metro do solo, uma pesada mesa de jantar.

Trata-se de Valter da Rosa Borges, promotor público da

Capital pernambucana, criador e apresentador do programa O Grande Júri, da Televisão Universitária Canal 11 e presidente do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas do Recife, que se destaca, atualmente, como um dos mais sérios estudiosos da Parapsicologia no Brasil, e que se apresenta marcado por uma concepção monística do Universo, de bases espiritualísticas, não ortodoxas nem ligadas, portanto, aos grandes troncos religiosos vigentes tanto no Oriente como no Ocidente.

Ele concedeu ao JORNAL UNIVERSITÁRIO a seguinte entrevista:

P. — Acha que a Parapsicologia, confinada como está a um modelo oficial das ciências, possa traduzir, para o seu próprio código, mensagens que escapam ao processo científico habitual?

R. — Se a Parapsicologia adotar, unicamente, o método quantitativo-estatístico-matemático da escola norte-americana, não poderá investigar, adequadamente, todos os fenômenos da paranormalidade. É mister que o procedimento científico não amesquinhe o objeto da pesquisa, mas possua suficiente elasticidade conceitual e a necessária versatilidade experimental para lidar com a riqueza e a complexidade de tais fenômenos.

Não há, pois, de se cogitar de um método sui generis para a Parapsicologia, mas sim, da adoção deste ou daquele processo científico habitual, de conformidade com o tipo de fenômeno parapsicológico a ser pesquisado.

P. — No seu esforço como cientista dedicado ao estudo dos fenômenos parapsicológicos, a sua fé está centrada nos fenômenos enquanto tais ou na suposta capacidade da Parapsicologia para explicá-los?

R. — A minha fé está centrada numa cosmovisão monística do universo, onde os fenômenos paranormais se ajustam, operacionalmente, em seu nível específico.

Nem tudo a ciência pode provar e mesmo as provas científicas estão sujeitas a revisões e emendas. Aliás, o conhecimento científico não é dogmático, mas provisório. E muitas "provas científicas" nada mais são do que brilhantes hipóteses de trabalho.

A fé não depende do fato e nem todo fato merece fé, pois sempre é possível que a sua observação tenha sido insuficiente ou distorcida. A fé não se prova necessariamente com fatos, nem um conjunto de fatos, racionalmente ordenados, pode validar a fé. Porém, em determinadas situações, os fatos podem sugerir a procedência de um postulado filosófico ou religioso.

P. — Qual o lugar que ocupa a cosmovisão kardecista em sua explicação dos fenômenos ditos parapsicológicos?

R. — Kardec foi quem primeiro sistematizou a fenomenologia paranormal e a sua cosmovisão é ainda válida, em quase todos os aspectos, para um entendimento geral e unificado destes fenômenos. O que acontece é que as obras da codificação kardecista são mais elogiadas e criticadas do que lidas e meditadas. Tudo o que ele escreveu, com



o bom senso que sempre o caracterizou, vem sendo repetido pelos parapsicólogos modernos, talvez com mais precisão, graças a uma nomenclatura e uma conceituação mais adequadas.

P. — Você encara a reencarnação como um dado tão filosófico quanto o da imortalidade?

R. — Não. A hipótese da reencarnação é passível de abordagem experimental, o que não ocorre com a da imortalidade. Ademais, não se deve confundir imortalidade com sobrevivência. É possível provar que o homem sobrevive, mas não que ele seja imortal. O próprio J. B. Rhine é um dos que reconhecem que os fenômenos paranormais sugerem fortemente a sobrevivência. Resta, porém, saber o que sobrevive do homem e como ele sobrevive.

Por outro lado, os casos de memória extra-cerebral, notadamente em crianças, pesquisados pelo Prof. Ian Stevenson, reforçam, de maneira positiva, a hipótese palingenésica.

P. — Apesar da falta de indícios, nos termos da ciência oficial, em torno da reencarnação, acha, por isso, que a impossibilidade de confirmá-la elimine o problema filosófico colocado por ela?

R. — Mesmo que a reencarnação seja, um dia, provada cientificamente, não resolverá o problema filosófico de sua origem. Ampliará, isto sim, os horizontes conceptuais da realidade, exigindo uma nova reformulação dos postulados científicos e filosóficos e até mesmo um novo modelo para o Universo.

P. — Acha, ainda, que a reencarnação seja incompatível com o dogma cristão da ressurreição da carne?

R. — Depende da extensão do conceito de ressurreição da carne. Talvez a expressão menos conflitante fosse ressurreição na carne, pois o que ressurge é o espírito em novo corpo material. Porém, como a ressurreição só ocorrerá no Juízo Final, é evidente que este dogma é incompatível com a hipótese da reencarnação.

P. — Depois do seu recente livro "Introdução ao Paranormal", você pretende colocar, em alguma obra posterior, os fenômenos paranormais dentro de um âmbito filosófico?

R. — Possivelmente sim, tudo dependendo de circunstâncias favoráveis para a publicação dessa nova obra. Aliás, é meu intento escrever monografias sobre os temas já abordados, de maneira global e perfunctória, no "Introdução ao Paranormal".

P. — Qual foi o fato primordial na sua vida, de conteúdo quer sentimental, quer religioso, que moveu o seu espírito na direção dos fenômenos metapsíquicos?

R. — O fato que influiu, decisivamente, na minha decisão de dedicar-me ao estudo e à pesquisa dos fenômenos paranormais, ocorreu há cerca de vinte anos, quando, em reunião doméstica e com pessoas de minha absoluta confiança, tive a oportunidade de examinar, minuciosamente, à claridade de uma lâmpada de luz vermelha, uma mão completamente materializada. Esta peça anatômica, surgida do nada, apertou vigorosamente a minha mão e, a meu pedido, suspendeu, a quase meio metro do solo, uma pesada mesa de jantar.

P. — Existe alguma diferença filosófica, na análise dos problemas paranormais, entre a Metafísica e a Parapsicologia? Qual a definição mais abrangedora para a explicação de tais fenômenos?

R. — A Metafísica se propôs realizar o que a Parapsicologia, hoje, está realizando: pesquisar, sob metodologia científica, os fenômenos paranormais. Logo, não há qualquer diferença filosófica entre elas, porque não se constituem movimentos filosóficos, mas, sim, disciplinas científicas perseguindo os mesmos objetivos.

Por outro lado, se os fenômenos paranormais são, em sua maioria, produzidos por uma causa inteligente, a sua explicação mais abrangedora seria a de que eles são operados pela mente em um nível funcional ainda desconhecidos pelas ciências oficiais.

P. — Qual o papel que desempenha a religião na sua vida? E por que a religião, mesmo excluindo aspectos sentimentais, não se constitui num elemento fundamental para a análise dos fenômenos ditos parapsicológicos?

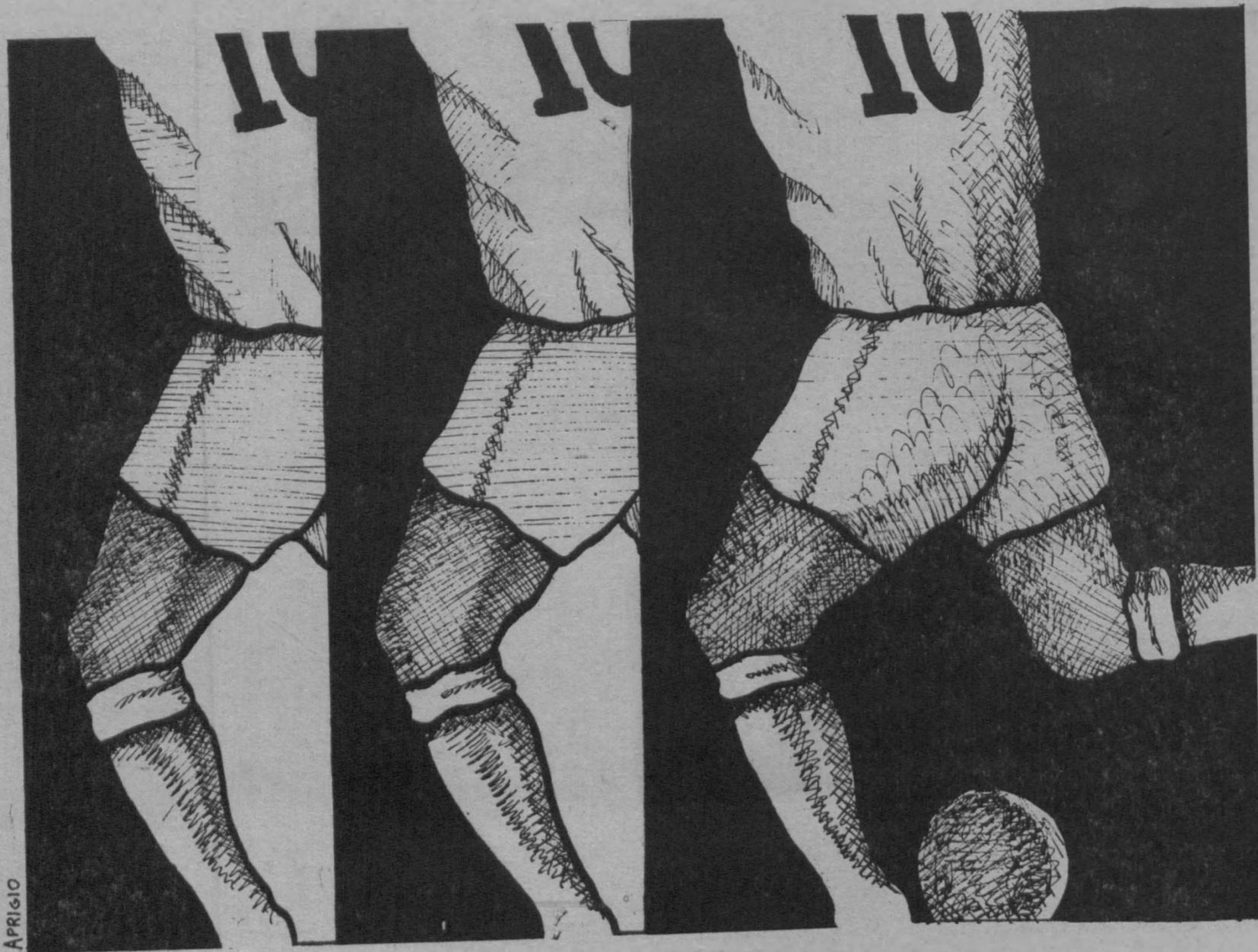


R. — Sou um religioso sem ser filiado a qualquer credo religioso. Religião, no meu entender, é o sentimento de unidade do homem com um Ser ou Sistema que lhe é infinitamente superior. É o amor incondicional ao Eterno Desconhecido e a busca infatigável de modelos, cada vez mais amplos, do existir. É a participação plena em todos os níveis possíveis do Ser. No momento em que o homem toma partido, ele se parte, se secciona e se enquistado, desligando-se, quase que completamente, do próprio Todo. Ganhou uma religião, mas perdeu a religiosidade.

A religião, portanto, descerrando novos setores da realidade para o homem, pode servir de poderoso adjutório para a pesquisa e a compreensão dos fenômenos paranormais.



A VOLTA DO REI



Pelé voltou ao Maracanã. E vestindo a camisa da Seleção Brasileira. Era uma noite comum do mês de outubro, mas o grande estádio carioca recebeu um público entusiasta, alegre e descontraído. Afinal, duas grandes estrelas voltavam a brilhar: a Seleção Brasileira — campeã mundial em 1970 com Pelé e menos Tostão — e o Flamengo. Para alguns, uma surpresa: o placar de 2 a 0 favorável ao clube rubro-negro carioca. Para outros, porém, nada mais do que o normal: a seleção não treinou em conjunto uma vez sequer. Reunia-se apenas para ajudar a família do ex-jogador Geraldo, do time da Gávea, que estranhamente faleceu durante uma simples operação de amídalas.

Envergando a lendária camisa 10 da canarinha, Pelé demonstrou aos céticos mais uma vez que é na verdade o maior gênio do futebol em todos os tempos e em todo mundo. Apesar dos seus 34 anos de idade, e sob as vistas do presidente Ernesto Geisel, a “pérola negra” desenvolveu um futebol de alto nível, fazendo reviver os seus momentos mais felizes na canarinha, sobretudo na grande vitória do México.

Esperava-se de Pelé uma atuação apenas convincente. Nada mais do que isso. Era apenas um amistoso, um reencontro com os amigos, uma “pelada” de maior gabarito. Não adiantava se esforçar, correr medonhamente atrás da bola, criar jogada, desajustar marcadores, irritar o juiz. No entanto, para Pelé, era como, magicamente, retornássemos aos campos mexicanos. Portou-se como um gênio, que o gênio em momento algum pode se assemelhar ao homem comum. Criou jogadas, deu bons passes, cansou os marcadores, um juvenil teria menor afoiteza. E quando saiu de campo, o Brasil inteiro já começava a esperar a sua outra volta.

Para os pernambucanos, porém, outra agradável surpresa: Givanildo, mais uma vez, vestindo a camisa da Seleção. Não importa que ele não seja mais do Santa Cruz, não importa que ele não esteja mais em Pernambuco. Continua a ser o “garoto de Olinda” e todos nós torcíamos por uma atuação, pelo menos, regular. No entanto, mesmo desentrosado, sem nunca ter atuado com alguns dos companheiros, Givanildo teve forças e valentia suficientes para demonstrar que é o melhor “cabeça de área” do País. Nin-

guém melhor do que ele, até o momento, para proteger a zaga, para desarmar jogadas, para distribuir bolas ao ataque. Era visível a falta de entrosamento, de jogadas sem articulações, mas não poderia ser de outra forma. E apesar disso, o pernambucano apareceu desinibido, solto, ágil, sem se preocupar com os adversários e muito menos com a platéia.

Por outro lado, a exibição do Flamengo não podia ter sido melhor. Aproveitando as falhas inevitáveis da defesa canarinha, atacando pelas pontas, chegava rapidamente à área de Félix. Foi fácil — fácil mesmo — marcar os dois gols. Forçasse mais, teria uma vitória com placar mais elevado. Porém, como a Seleção, também deu chances a reserva, no caso alguns amadores. Adílio demonstrou, mais uma vez, que é um craque. Pode ser colocado no time a qualquer momento sem causar vexames. Júlio César é um bom ponta-esquerda. E o zagueiro Paolino tem bastante categoria.

Enfim, um jogo de exibição que serviu, também, para demonstrar que o Brasil é ainda o País dos Reis do Futebol.

CINEMA

Alguns
bons
filmes



Cena do filme brasileiro "O Casamento", de Arnaldo Jabor. Paulo Pontes e Adriana Prieto, na foto, são componentes do elenco.

O CASAMENTO

Trata-se de um caso singular. Mais uma vez, Arnaldo Jabor focaliza a obra do dramaturgo pernambucano Nelson Rodrigues, um autor essencialmente preocupado com os desvios morais da natureza humana. Jabor nem sequer se preocupa em atenuar as características crumamente realistas dos textos de Rodrigues. Em *O Casamento*, adaptado de um romance do autor de *Vestido de Noiva*, o diretor deixa entrever uma morbidez mais do que espiritual. De fato, há uma seqüência em que a sujeira de um sanitário parece funcionar como um complemento inalienável do quadro geral apresentado pelo filme. Mas o resultado final é excelente. Secundado por uma fotografia (Dib Lutfi) primorosa, além de um elenco onde Adriana Prieto impõe a si mesma um desempenho contundente, o filme de Jabor é mais do que uma fiel transcrição dos horrores físicos e mentais do mundo de Nelson Rodrigues. E uma paródia admirável, se bem que dramática, das motivações mesquinhas que se escondem por trás de rostos humanos aparentemente nobres. É muito bela a cena em que Aninha (Adriana Prieto) fica despida diante do Dr. Camarinha (Fregolente) — uma cena, aliás, mutilada por um corte injustificável. Também valorizada pelo seu sentimento patético é aquela outra em que, numa boate do baixo meretrício, um homossexual dá início a profundos, pungentes lamentos. Enfim, certas pessoas preferem que tais problemas sejam tratados por cineastas estrangeiros, mas nunca por brasileiros. É bom, então, que tais pessoas mantenham distância do trabalho de Jabor. Principalmente aquelas almas "puras" tão facilmente encontráveis.

O Homem Que Queria Ser Rei

Levar ao cinema a curta novela de Rudyard Kipling era um velho sonho de John Houston. Só que, para o elenco, ele havia pensado em Clark Gable e Humphrey Bogart. Contentou-se, porém, com Michael Calne e Sean Connery. Mas, à parte, as magistrais interpretações proporcionadas pelos dois atores, que resta de *O Homem Que Queria Ser Rei*? Muita coisa. Antes de tudo, trata-se de um filme de aventuras cujos personagens principais marcham sob o signo do fracasso — visão, aliás, pouco comum às produções hollywoodianas do gênero. Mais: praticamente impossível de ser observada numa fita cuja história girasse em torno dos feitos do colonialismo europeu no Oriente. Pois Houston, adotando logo nas pri-

meiras cenas a técnica do flash-back, faz com que um sobrevivente da aventura reviva todo esse fracasso. Dois ex-oficiais do exército inglês, irreverentes e fantasistas, planejam a dominação de um lugar denominado Kafiristân miserável província do Afeganistão, aproveitando-se da desunião reinante entre as várias tribos da região. Um acaso leva um deles, ao trono, mas um outro acaso induz os nativos a perceberem o embuste. Os impostores cedem à ruína — nunca se viu semelhante coisa em Hollywood. Os espectadores saem gratificados — mesmo porque há uma ou duas passagens admiráveis, principalmente aquela dos seis cegos fixando o vazio, logo no início do filme.

Corações e Mentos

Peter Davis tinha tudo para fazer obra de historiadador, mas preferiu empunhar a câmera como artista. Podia ter investigado melhor algumas das intrincadas questões que estão por trás dos motivos que levaram uma nação poderosíssima a influir nos negócios de alguns milhões de indivíduos que, desde remotas eras, vêm lutando desesperadamente contra descabidos propósitos do destino, mas optou por reduzir tudo isso à mais deslavada emoção. E, assim, viu seu *Corações e Mentos* receber nada menos de quatro prêmios, transbordar de elogios da crítica e conduzir, não raro, muitas platéias às lágrimas. Valeu a pena? Ora, a resposta a semelhante pergunta só pode ser torcida pelo próprio diretor. Com efeito, se ele pretendeu mostrar o que vimos nas telas dos cinemas, a resposta é afirmativa. Caso contrário, garanto que o alvo não foi de todo atingido. *Corações e Mentos* é um documentário cuja maior virtude consiste em fazer com que nenhum homem se esqueça de que nada é mais relevante do que o respeito integral à dignidade do seu semelhante. Davis teve, porém, antecessores, mais ilustres. Noite e Neblina, por exemplo, documentário de Alain Resnais sobre o morticínio dos judeus durante a II Guerra Mundial, é mais bem realizado, mais contundente, e tem a vantagem de versar sobre fatos cujas razões não são de forma alguma obscuras. Mas o filme de Davis constitui um rico exemplo de como não se deve desprezitar a autonomia de um povo. E ensina que, a despeito do que pensam muitos, a vida de um homem não é nunca insignificante, e está sempre acima de quaisquer interesses mesquinhos.

Novelas:
boas aqui,
más ali

Televisão

Já houve um tempo em que o Brasil importava novelas. "Em Busca da Felicidade", apresentada pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, aí pelos inícios dos anos 40, foi a primeira novela seriada brasileira. De procedência mexicana, a novela enfeitou milhares de ouvintes da então famosa emissora carioca. "O Direito de Nascer", exibida anos depois pela mesma emissora, era cubana. Hoje, contudo, as coisas mudaram. Ao mesmo tempo em que empanturram o telespectador brasileiro com esses subprodutos culturais, os autores de novelas chegam, inclusive, a vendê-las a países latinoamericanos. Que, certamente, ainda não foram capazes de realizar novelas com qualidades técnicas à altura das brasileiras. Embora, e ninguém duvida, sejam bem capazes de concretizar trabalhos melhores do que certas drogas apresentadas por aqui.

O Casarão

Inegavelmente, uma das mais convincentes novelas apresentadas pela televisão brasileira. De autoria de Lauro César Muniz, a história de "O Casarão" transcorre em três tempos simultâneos — 1900, 1926 e 1976. E funciona como uma epopéia. Trata-se da saga de cinco gerações de uma família. César Muniz quer que o seu trabalho seja "uma síntese da sociedade brasileira do início deste século até os dias atuais". Pretende, ainda, que a novela cumpra satisfatoriamente uma intenção feminista, no caso, a de focalizar "o papel da mulher na família e na sociedade, em épocas diferentes".

Os objetivos são deveras grandiloqüentes. E a produção, que abunda em luxo, emprega 48 artistas e 66 técnicos, sem contar os figurantes. Por outro lado, o diretor, Daniel Filho, soube imprimir ao elenco um alto nível de interpretação. Paulo Gracindo e Yara Cortes, por exemplo, cumprem uma performance magnífica.

Os Apóstolos de Judas

Diferentemente de "O Casarão", este trabalho de Geraldo Vietri é uma prova cabal de que nada é mais indigesto do que uma má telenovela. A história

gira em torno de feirantes. Mas, curiosamente, eles antes conversam do que comerciam. E conversam sobre suas paixões impossíveis, enquanto aguardam o momento de alguém solicitar algum produto. Judas (Jonas Melo), por exemplo, vende peixes, mas ninguém se atreve a comprá-los de uma pessoa com esse nome.

Mas Geraldo Vietri, que antes fizera coisas como "Nino, o Italiani-

nho" e "Antônio Maria", tem propósitos aparentemente louváveis. Ele quer "preservar a família, alguns conceitos sociais e regras de moral, os alicerces de uma nação".

O difícil é combinar preocupações tão moralistas com a música estridente de Rick Wakeman. Seria muito mais adequado, sem dúvida, que a trilha sonora resultasse numa cândida "Ave Maria".



Carolina (Sandra Barsotti), uma das personagens da novela "O Casarão", sob a direção de Daniel Filho.

Folclore

Angela Delouche

Quanto mais abstrairmos os conceitos estranhos ao Folclore para observar o fato folclórico em si mesmo e por si mesmo, tanto melhor chegaremos a precisar os problemas que nos absorvem e a definir-lhes o caráter universal e eterno.

Albert Marinus

A História da Festa no Céu (*)

1.ª versão:

"Há uma festa no céu. É a festa de Nossa Senhora. A ela naturalmente só podem ir as aves de alto voo.

O jabuti ousadamente declara que também irá à festa. Promete dançar e pede ao compadre urubu que leve o violão.

O caso era de espantar que um jabuti voasse até o céu. Mas o jabuti é bicho de grandes recursos; vai a casa do compadre urubu e esconde-se previamente no bojo do violão. E assim, com pasmo de todos, aparece no céu.

O urubu descobre a perfídia e, na volta, despeja-o pelos ares abaixo.

Durante a queda, o jabuti exclama:

Léo, léo, léo!
Se eu dessa escapar,
nunca mais bodas ao céu!

Deus ou Nossa Senhora, enfim, reconhece a devoção do jabuti, junta os fragmentos a que ficara reduzido o mísero animal e restitui-lhe a vida. É por isso que o jabuti tem o casco embrechado feito de remendos".

Outra versão:

"Era uma vez, num charco uma tartaruga chamada kambugriva. Tinha dois compadres, dois gansos, que por vezes vinham conversar à beira da lagoa e diziam histórias do céu e das nuvens. Aqui, (diz a tartaruga) parece que vai secar o charco, levai-me a outro mais provido d'água.

Foram os dois gansos buscar um pau e, tomando-o pelos extremos, disseram: Agarra-te bem com os dentes e não abras a boca, não fales. A tartaruga prometeu silêncio e lá foram eles pelos ares.

Pelas aldeias, quando as gentes começavam a mostrar espanto por ver a tartaruga tão alto, Kambugriva não pôde conter-se: Mas que admiração é esta! disse ela e, ao dizê-lo, despenhou-se dos ares e ficou reduzida a pedaços".

(*) As pesquisas sobre contos de animais da tradição oral brasileira foram empreendidas por João Ribeiro. Esta fábula está no *Pantschatantra* Indiana. Em sua busca, João Ribeiro encontra ainda os motivos essenciais desta fábula no *Hitopadexa*, edição portuguesa de Delgado e Inglesa de Wilkins, no *Kallia e Dimnah*, em Esopo, no fabulista grego Babrio, em Fedro, em Avila no, nos *Apólogos Dialogais* de D. Francisco Manuel, no *Directorium vitae* de João Cápuia, em La Fontaine...

Revista Pernambucana de Folclore



Volta a circular a Revista Pernambucana de Folclore, com a direção do antropólogo Waldemar Valente e como colaboradores Mário Souto Maior, Waldemar de Oliveira, Lourenço Barbosa (Capiba), Olímpio Bonald Neto, Fernando Pio, João Santiago dos Reis, Evandro Rabello e Waldemar Valente.

Vale ressaltar que a revista teve lançamento festivo no preciso dia do folclore, 22 de agosto, na Casa da Cultura e é uma iniciativa da Comissão Pernambucana de Folclore.

A revista foi editada pela Gráfica Caxangá (96 páginas e capa de T. Freitas).



Cerâmica: tipos populares. Acervo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

O Estudo do Folclore

O estudo do folclore no Brasil vem do século passado. Datam, porém, de 1948 os estudos sistematizados, quando o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura instalou a Comissão Nacional de Folclore que, posteriormente, se desdobrou em comissões estaduais por todo o território brasileiro.

Em 1949 foi promovida a 1.ª Semana Brasileira de Folclore e em 1951 realizou-se, no

Rio, o 1.º Congresso Brasileiro de Folclore que sintetizou suas conclusões na Carta do Folclore Brasileiro, da qual salientamos alguns tópicos:

"O folclore é integrante das ciências antropológicas e culturais; o fato folclórico é constituído das maneiras de pensar, sentir e agir de um povo preservadas pela tradição; condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselha o

estudo da vida popular em toda a sua plenitude.

"Em face da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturalistas no exame e análise do Folclore".

"São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a reali-

dade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não, essencialmente popular".

Renato Almeida afirma que a "Carta foi uma audaciosa tentativa de sistematização e enfocou corajosamente a problemática do Folclore, embora se lhe possam fazer judiciosas reservas e haja omissões e imprecisões".

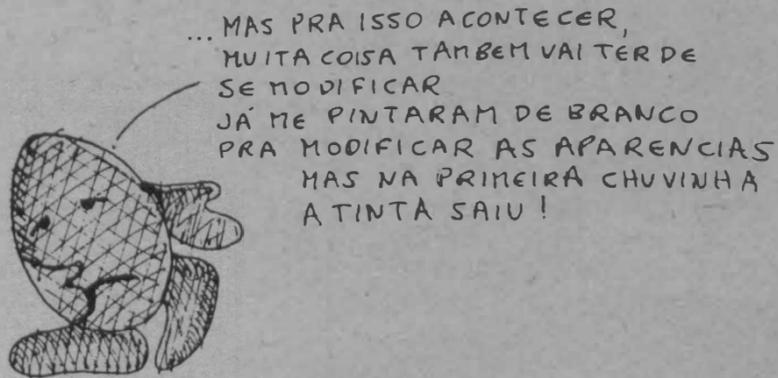
Centro de Estudos Folclóricos

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, compreendendo a importância do folclore para o conhecimento de nossa vivência cultural, fundou, no seu Departamento de Antropologia, um Centro dedicado à divulgação do que de melhor se tem escrito sobre folclore, folgoes, lendas e mitos do nosso mundo "folk".

Temos recebido e agradecemos os boletins enviados. Em nosso próximo número daremos detalhes sobre as publicações.

ÔVALDO

POR APRIGIO



Armorial

O PRIMEIRO BALÉ BRASILEIRO



Levando a peito uma intuição cultural, acima de qualquer conotação política, específica, Ariano Suassuna fez com que o Movimento Armorial alcançasse seu clímax precisamente através do Balé, tornando numa possibilidade a existência de um espírito nacional em nosso país. A plasticidade dessa manifestação artística especial, que é a dança, constituiu-se em sua linguagem corporal numa verdadeira encarnação de motivos e valores predominantes de uma cultura. Sob esse aspecto o Balé Armorial do Nordeste ofereceu pela primeira vez uma visualização dos nossos mitos mais recônditos, principalmente através da utilização do pastoril, do caboclo-linho e do bumba-meu-boi, como representações de uma cultura marcada por uma tríplice presença: a indígena, a negra e a européia.



A aparente superposição do espetáculo, oferecendo-nos, por vezes, a impressão de uma desarmonia, em que às malhas dos dançarinos do Balé Armorial, se acrescentasse o bumba-meu-boi, com ritmos e inclusive falas que não se casavam com a música nem com o espírito do espetáculo, foi, segundo Ariano Suassuna, buscada intencionalmente, transformando-se de *defeito em efeito*, para ressaltar a contradição do popular e nacional brasileiro com o tradicional balé clássico.

Para Ariano, o próprio fato de ter usado o bumba-meu-boi popular foi cuidadosamente pesado, mas o espetáculo, à rigor, não obedeceu inteiramente à orientação inicial que lhe foi emprestada. Pois a princípio com o grupo de bumba-meu-boi deveria entrar um caboclo-linho e uma Diana de Pastoril e seria através desses dois figurantes que começaria a influência sobre os integrantes do grupo do balé tradicional, no sentido de adotar

as roupas e o passo de dança do espetáculo popular brasileiro. Então a Diana que faria parte do grupo de dançarinos populares se apaixonaria por um rapaz do grupo do balé tradicional, e o caboclo-linho por uma moça do grupo do balé tradicional europeu, e esse seria, em todo seu rigor, o enredo do espetáculo sobre o cenário que, por sinal se manteve, numa cidade do interior.

Por não se tratar de um mero conjunto folclórico, o balé ainda se depara com algumas dificuldades. Daí não ter sido possível, por exemplo, aos próprios dançarinos, representarem os figurantes do bumba-meu-boi, pois demandaria muito trabalho não só fazê-los aprender mas também representar essa mistura de dança e teatro popular que é o bumba-meu-boi.

Por outro lado, a utilização do bumba-meu-boi no balé leva em consideração

o mito profundamente nordestino da morte e ressurreição do Boi que, por sua vez, quer significar a morte e a ressurreição da divindade. É sobretudo esse sentido de iniciação religiosa que não deve ser perdido de vista na importância do bumba-meu-boi.

O Balé Armorial ultrapassa o plano auspicioso da promessa para constituir-se em algo já realizado e em vias de aperfeiçoamento cada vez maior dependendo, para sua continuação, do aumento de número de coreógrafos e dançarinos.

Se a sua generosa ambição encontrar correspondência necessária, teremos, dentro em pouco, a efetivação definitiva de algo que possa, em termos de comparação encontrar equivalente nos balés tanto africanos como asiáticos, tratando-se da primeira manifestação autêntica, e também em grandiosidade, de um balé realmente brasileiro.

